

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA

DAYANE NOGUEIRA DE ALMEIDA

GEOGRAFIA E MÚSICA: uma análise da produção acadêmica brasileira no ENANPEGE

UBERLÂNDIA

2023

DAYANE NOGUEIRA DE ALMEIDA

GEOGRAFIA E MÚSICA: uma análise da produção acadêmica brasileira no ENANPEGE

Monografia apresentada ao Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angela Fagna Gomes de Souza

UBERLÂNDIA
2023

DAYANE NOGUEIRA DE ALMEIDA

GEOGRAFIA E MÚSICA: uma análise da produção acadêmica brasileira no ENANPEGE

Monografia apresentada ao Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Geografia.

Uberlândia, 24 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Angela Fagna Gomes de Souza (orientadora) – UFU

Prof. Dr. Vicente de Paulo da Silva – UFU

Prof. Dr. Marcelo Cervo Chelotti – UFSM

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo privilégio da vida e dessa oportunidade.

À minha família, especialmente aos meus pais, Joana e Dárcio, e à minha irmã, Janaína, pela companhia e apoio imprescindíveis em toda a minha vida.

Aos professores deste curso, por compartilharem seus conhecimentos. Agradeço especialmente ao professor Marcelo Chelotti, que norteou os primeiros passos desta pesquisa.

À professora Angela Fagna, orientadora deste trabalho, sempre paciente e dedicada em todos os momentos.

À Bateria Predadora UFU, pelas alegrias vividas durante esses anos.

Aos colegas de curso e aos amigos que, de alguma forma, me deram apoio nos momentos mais difíceis. Gostaria de agradecer especialmente aos amigos feitos durante essa graduação, que certamente levarei comigo para o resto da vida.

Ninguém faz nada sozinho. Muito obrigado é pouco para todos vocês.

*“Eu fui,
subi no alto daquela montanha.
Eu tava namorando o mar.
Catei um belo punhado de novas estrelas
e trouxe tudo pro meu lar.”*

**Não vou descansar
Francisco, el hombre**

RESUMO

O presente trabalho analisa a produção acadêmica da interface referente à geografia e música na Geografia Cultural brasileira. Identifica ainda como a temática se consolidou no panorama atual, por meio do desenvolvimento das pesquisas na área. Para isso, seleciona os trabalhos publicados no Grupo de Trabalhos: “Geografia, música e sons: diálogos” das três últimas edições do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), nos anos de 2017, 2019 e 2021, visando identificar as abordagens mais empregadas, os autores mais consultados pelos pesquisadores da temática, as instituições de ensino que mais produziram, bem como as regiões brasileiras mais presentes. Utiliza a metodologia da pesquisa qualitativa para chegar aos resultados encontrados. Conclui que o estudo da temática é pertinente à Geografia Cultural. Constata também que o cenário da geografia musical no Brasil é recente, apresentando uma produção relativamente pequena, mas que tem se expandido nos últimos anos com uma série de caminhos a serem explorados.

Palavras-chave: anais; Brasil; ENANPEGE; geografia; geografia cultural; música; pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

The present work analyzes the academic production of the interface between geography and music in Brazilian Cultural Geography. It also identifies how the theme was consolidated in the current scenario, through the development of research in the area. For this purpose, it selects the works published in the Working Group: “*Geografia, música e sons: diálogos*” of the last three editions of the *Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia* (ENANPEGE), in 2017, 2019 and 2021, to point out the most used approaches, the authors most consulted by researchers on the subject, the universities that produced the most, and the most present Brazilian regions. It uses the methodology of qualitative research to arrive at the results found. It concludes that the study of the theme is pertinent to Cultural Geography. It also notes that the scenario of musical geography in Brazil is recent, with a relatively small production, but that it has expanded in recent years with a series of paths to be explored.

Keywords: annals; Brazil; ENANPEGE; geography; cultural geography; music; qualitative research.

LISTA DE INSTITUIÇÕES

IFSP	Instituto Federal de São Paulo
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCAT	Universidade Federal de Catalão
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BASES TEÓRICAS PARA UM ESTUDO SOBRE GEOGRAFIA E MÚSICA	13
3 O CENÁRIO GEOGRÁFICO-MUSICAL BRASILEIRO	18
3.1 A Pós-graduação em geografia no Brasil e o papel da ANPEGE	24
4 A MÚSICA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DO ENANPEGE	29
4.1 Espacialidades, diretrizes e lacunas	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A	53

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema principal o estudo da música na geografia e busca analisar o cenário atual das pesquisas nessa temática a partir de um evento que reúne publicações da pós-graduação em geografia. Foi escolhido o encontro de âmbito nacional desenvolvido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE).

O interesse no tema surgiu em 2017, ano de criação da bateria universitária Predadora, vinculada à Associação Atlética Acadêmica dos cursos da área de humanas da UFU (Humanas UFU). As baterias universitárias compõem as atividades de extensão das instituições de ensino superior ao reunir alunos de um ou mais cursos para tocar instrumentos de percussão de maneira semelhante às baterias de escolas de samba. Por isso, participar de uma bateria universitária pode despertar o olhar para outro sentido da universidade, saindo da rotina de livros, provas e disciplinas. E por que não unir esses dois lados? A ideia, que antes pretendia verificar o samba na cidade de Uberlândia, ganhou uma nova delimitação devido à pandemia de SARS-CoV-2 (COVID-19) no ano de 2020 e todas as questões pertinentes ao isolamento social para a não propagação do vírus.

A proposta foi verificar como está o cenário atual das pesquisas em geografia e música e de que forma a temática, relativamente recente na ciência geográfica, se consolidou até os dias atuais. A geografia cultural tradicional, surgida no final do século XIX com o desenvolvimento da geografia humana, buscava, com a análise dos aspectos materiais das culturas por meio de princípios positivistas, o estudo dos modos de existência humana e seus impactos na paisagem. O ressurgimento da geografia cultural em 1970, depois de um declínio a partir de 1940, veio junto a novas abordagens e temáticas, valorizando aspectos não materiais da cultura como, por exemplo, sentimentos, intuição e intersubjetividade.

Assim, a cultura passa a ser entendida como algo que reflete e, ao mesmo tempo, determina a sociedade. No Brasil, essa nova interface entre geografia e cultura se desenvolve a partir da década de 1990. Nesse contexto, é importante destacar a música como um valioso instrumento para o estudo do espaço geográfico, já que os sons são consumidos a todo instante por indivíduos e grupos sociais.

Neste estudo, o objetivo principal é apresentar e verificar como a temática musical está fundamentada na geografia no Brasil. Pretende-se também mostrar a produção científica nacional da área no ENANPEGE e como está distribuída pelo país, indicando as abordagens e os autores mais utilizados e apontando as lacunas.

Para atingir o resultado final, este trabalho está dividido em quatro momentos. Inicialmente, no item “Bases teóricas para um estudo sobre geografia e música”, foi feita uma pesquisa bibliográfica com autores da geografia cultural, do cenário mundial e nacional, que fornecem a base para o estudo da geografia e música. Após isso, no capítulo “O cenário geográfico-musical brasileiro”, o enfoque é destinado para o desenvolvimento da referida temática no cenário brasileiro, apresentando a ANPEGE e o seu Encontro Nacional – o ENANPEGE – bem como sua importância na consolidação da temática aqui abordada no meio acadêmico. Acredita-se que os eventos acadêmicos são um reflexo da produção científica nacional ao proporcionarem um espaço de trocas entre os pesquisadores.

O referido evento, a partir de 2017, possui em seu programa um grupo de trabalho (GT) denominado “Geografia, música e sons: diálogos”, que reúne os estudos submetidos sobre a temática principal aqui apresentada. Para essa pesquisa, foram selecionados todos os trabalhos do GT dos anos de 2017, 2019 e 2021 disponibilizados na seção de Anais eletrônicos oficial do evento, desde que abordassem questões inerentes ao campo de estudo no Brasil. É importante ressaltar que dois artigos, um em 2019 e um em 2021, não se encontravam disponíveis para consulta, enquanto outros dois trabalhos, também de 2021, apresentavam discussões referente a outros países da América do Sul. Estes não constam nas análises aqui apresentadas.

Os artigos foram relacionados em uma tabela, conforme consta no item “A música na produção acadêmica do ENANPEGE”, contendo os seguintes dados: título, autor(es), instituição acadêmica, região brasileira onde esta se localiza, palavras-chaves, descrição dos artigos (apresentando os objetivos, as metodologias, bem como os conceitos presentes), abordagem e, por fim, os autores citados relativos à temática da geografia em si e da geografia musical. Ao todo, são apresentados 40 trabalhos: 10 na XII Edição em 2017, 14 na XIII Edição em 2019 e 16 na XIV Edição em 2021.

Foram pensadas cinco categorias para a classificação e interpretação dos artigos, sendo duas abordagens práticas e três abordagens teóricas. A partir daí, foram utilizadas metodologias dos estudos qualitativos nas análises. Optou-se pela elaboração de mapas para visualizar espacialmente cada abordagem pelo território brasileiro e facilitar as apreciações dos trabalhos selecionados.

Por fim, o último item dessa pesquisa traz as conclusões a respeito da análise realizada e as reflexões da proposta inicial do estudo. Ao final deste trabalho, verificou-se que a temática musical ainda é pouco abordada na geografia brasileira, já que seu início é relativamente recente, mas demonstra muito potencial no estudo do espaço enquanto objeto

geográfico. Dessa forma, esta pesquisa colabora com o desenvolvimento da área da geografia e música no Brasil, pois mostra uma representação dos estudos desenvolvidos no cenário nacional.

2 BASES TEÓRICAS PARA UM ESTUDO SOBRE GEOGRAFIA E MÚSICA

Dentro da ciência geográfica, a interface entre a geografia cultural e a música pode ser considerada recente, ganhando força a partir de 1970 com o surgimento de novas perspectivas. Porém, é fundamental debruçar-se sobre importantes autores pioneiros nessa abordagem. Já no século XIX, Friedrich Ratzel foi um notável precursor dessa discussão ao se interessar por estudos voltados às teorias evolucionistas da zoologia e as migrações. Um de seus discípulos, Leo Frobenius, dando continuidade às pesquisas de seu mentor a respeito das transformações que as migrações produziam nas características dos indivíduos, desenvolveu o conceito de Círculos Culturais para a regionalização da África, constituindo áreas culturais a partir de uma espacialidade dos instrumentos musicais. Frobenius e Ratzel podem ser considerados os primeiros sistematizadores de estudos correlacionando o espaço geográfico e a música (PANITZ, 2012).

A noção de Círculos Culturais define que: “certo número de ciclos culturais se desenvolvia em todo o mundo, em distintos lugares, em distintas épocas históricas e se difundiam no espaço, dando origem a novas culturas” (PANITZ, 2012, n. p). Esses princípios de ciclos de difusão influenciaram a geografia cultural de Berkeley. Carl Sauer, fundador da Escola de Berkeley em 1925, também foi adepto às teorias difusionistas de Ratzel. Para Sauer, a geografia deveria, entre outras abordagens, analisar as mudanças da paisagem durante a ocupação humana, por meio das impressões culturais. “Sauer abandonou a geografia dominada pelo determinismo ambiental, e seguiu aquela que buscava analisar as ações e transformações que se repercutiam no espaço” (BENATTI, 2016, p. 6).

Os fundamentos da Escola de Berkeley influenciaram os estudos geográficos que focalizavam nas áreas e paisagens culturais até os anos de 1960. Apesar de seu importante papel na geografia cultural, a Escola de Berkeley também foi alvo de inúmeras críticas devido ao princípio saueriano de conceber a cultura como algo externo aos seus indivíduos, predominando uma visão homogeneizada. “Nesta perspectiva, os processos de mudança se realizariam a partir de forças externas, por intermédio do processo de difusão de inovações e não em função de contradições” (CÔRREA; ROSENDAHL, 2003, p. 11).

A partir do final da década de 1970, dá-se início a um processo de renovação da cultura em escala mundial. Segundo Benatti (2016), desde meados da década de 1940 houve uma crescente queda de prestígio da geografia cultural devido às abordagens predominantemente materiais da cultura, tornando as pesquisas pouco expressivas. Esse contexto, “deixou a geografia cultural teoricamente empobrecida, existindo muitos de seus

estudos num vácuo teórico, preservando um sentido de significado cultural na compreensão da paisagem, mas falhando em aprofundar uma análise teórica” (COSGROVE, 2003, p. 109).

O renascimento da geografia cultural ocorreu num cenário pós-positivista que demandava uma renovação temática e metodológica nas abordagens da geografia, com a “valorização da cultura nas ciências sociais e humanidades [...] levando a incluí-la nos estudos de geografia política, urbana, econômica e regional” (CÔRREA, 2003, p. 171). Os estudos sobre a cultura atingiram um patamar de importância para a compreensão do mundo. A denominada “virada cultural” ocorreu junto com o surgimento da corrente humanística na geografia e estabeleceu os princípios da geografia cultural renovada vigentes. Abandonando a visão culturalista e estruturalista, “[...] a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída” (COSGROVE; JACKSON, 2003, p. 136).

Com base nesse breve resgate da geografia cultural, cabe agora adentrar mais diretamente na interface entre geografia cultural e música, e não se pode deixar de destacar as contribuições dos dois principais autores nessa temática. Segundo Castro (2009), George O. Carney e Lily Kong, além de desenvolverem pesquisas empíricas sobre o tema, também apresentam vertentes possíveis a serem exploradas pelos geógrafos.

Carney, pioneiro norte-americano na temática, a partir de suas pesquisas, apresenta, em 2003, nove categorias musicais de interesse aos geógrafos que debruçam sobre a temática: estilos/gêneros, estrutura, letras, instrumentação, intérpretes e compositores, centros e eventos, mídia, música étnica e indústria. Além destas categorias, são sistematizadas abordagens agrupadas em dez tipos (CASTRO, 2009, p. 10-11), a saber:

1. A delimitação de regiões musicais e a interpretação da música regional;
2. A evolução de um gênero musical com o lugar;
3. A origem e a difusão do fenômeno musical;
4. A relação entre a distribuição espacial da música e as migrações urbanas e/ou as redes de transportes ou comunicação;
5. Os elementos simbólicos da música moldando o lugar: a imagem, o sentido e a percepção do lugar;
6. Os efeitos da música na paisagem cultural, como em festivais musicais;
7. A organização espacial da indústria fonográfica;
8. A relação da música com o ambiente natural;

Inter-Relação entre Aspectos Espaciais da Música e Outros Traços Culturais								
--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: (CARNEY, 2003, p. 6 *apud* CASTRO, 2009, p. 12).

Percebe-se que George Carney adota uma visão mais abrangente na abordagem sobre geografia e música, reproduzindo uma geografia cultural de influência saueriana. Outro trabalho importante na abordagem da geografia e música é de autoria de Lily Kong. Em sua pesquisa de doutorado, a autora de Singapura aborda a música, as políticas culturais, a identidade e a globalização em seu país. Em 1995, a autora publicou um dos mais significativos trabalhos na temática intitulado “Música Popular em Análises Geográficas”, no qual apresenta as possíveis contribuições dessa temática para as pesquisas nos âmbitos cultural e social de forma mais crítica que Carney (SOUZA, 2013).

Kong questiona a falta de interesse dos geógrafos pela temática musical, justificando, em primeiro lugar, devido ao dominante interesse geográfico na cultura das elites, menosprezando a cultura popular. Em segundo lugar, é apontado o destaque nas pesquisas científicas para a parte visual do espaço, deixando de lado os outros sentidos, como olfato, paladar e audição. Em contrapartida, Kong afirma que o estudo daquilo que é audível e musical é, muitas vezes, imprescindível para ativar a porção visível de uma paisagem ou lugar, como “a importância dos sons que caracterizam diferentes espaços como o urbano e o rural, os naturais [...] e os originados pela atividade humana [...]” (KONG, 1995 *apud* CASTRO, 2009, p. 13).

A autora destaca ainda cinco principais tendências nas pesquisas geográficas já realizadas. “As três primeiras refletem a tradição da geografia cultural de Berkeley, enquanto as duas últimas estariam mais identificadas com a ‘nova’ geografia cultural” (CASTRO, 2009, p. 13-14). A primeira reúne trabalhos que visam demonstrar a distribuição espacial de formas musicais por meio de mapeamentos sem grandes embasamentos teóricos. A segunda tendência diz respeito aos locais de origem e difusão dos gêneros musicais. Ao contrário da primeira, nesse caso, levam-se em consideração os contextos sociopolíticos em um maior embasamento teórico (CASTRO, 2009).

A terceira tendência aborda a delimitação de áreas que compartilham determinados traços musicais, em diversas escalas. É importante evitar, nesse tipo de análise, o erro de considerar a cultura como algo homogêneo, deixando de lado as condições sociopolíticas de cada região. O quarto grupo de tendências reúne as pesquisas que investigam a identidade de

um lugar e suas características por meio das letras musicais. E, por fim, a quinta e última tendência também possui os mesmos objetivos da anterior, porém, busca ainda “interpretar as características dessa ‘visão de mundo’ expressas através da melodia, instrumentação, letras (eventualmente) e as sensações ou impactos sensoriais transmitidos pela música” (CASTRO, 2009, p. 14).

Além de elencar as principais tendências das pesquisas sobre geografia e música já realizadas, Lily Kong ainda propõe novos eixos de abordagens fundamentados na geografia cultural renovada: “a) a análise do simbólico, do significado e dos valores; b) música como comunicação cultural; c) políticas culturais da música; d) economias musicais ou da música; e) música e a construção social das identidades” (PANITZ, 2012, n. p). O trabalho da geógrafa singapurense foi reconhecido no Dicionário Oxford da Geografia Humana:

[...] Foi argumentada que a música oferece uma crítica útil às ideologias visuais da disciplina; que a música popular adiciona uma nova dimensão à geografia das políticas culturais, e à construção social das identidades, em particular Kong (1995); também que há uma geografia econômica da música que amplia nossa compreensão das relações entre acordos/negociações globais e locais, e que lança luz sobre o processo de regeneração urbana (JOHNSTON et al, 2000, p. 530 *apud* PANITZ, 2012, n. p).

A partir dessas contribuições e de outros trabalhos realizados na Europa e na América Latina, é possível afirmar que existe um volume significativo de trabalhos que abordam o tema geografia e música. A importância do estudo dessa temática advém da relação entre a cultura e a espacialidade humana. O espaço social é composto por diversas manifestações de caráter cultural, e, dentre elas, a música “torna-se um meio pelo qual o indivíduo, ou grupo, torna inteligível o espaço e a forma de viver e atuar nele” (OLIVEIRA; SILVA, 2010, p. 254).

No Brasil, foi possível localizar uma quantidade considerável de trabalhos, apesar de serem mais recentes, principalmente em meio digital, o que permitiu a construção de um breve cenário dessa discussão, conforme será apresentado a seguir. A temática, mesmo que recentemente discutida no país, apresenta abordagens heterogêneas e o objetivo, a partir do próximo capítulo, será apresentar a produção científica nacional e identificar as teorias, os autores mais abordados e as lacunas no cenário atual.

3 O CENÁRIO GEOGRÁFICO-MUSICAL BRASILEIRO

No capítulo anterior, foi possível verificar quais são as bases teóricas da geografia cultural, atrelada à música, especialmente por meio de autores que discorrem sobre o tema. A partir de agora, será apresentado como a temática tem se consolidado no Brasil. Para início, foram utilizados os levantamentos realizados por Panitz (2012) e Souza (2013) com base nos trabalhos disponíveis na plataforma de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além de alguns artigos acadêmicos selecionados pelos autores para apresentar as discussões já realizadas no país.

Antes de descrever este cenário, porém, vale ressaltar que a Geografia Cultural no Brasil teve um desenvolvimento considerado tardio. Mesmo que a geografia acadêmica tenha tomado forma a partir da criação do curso de Geografia e História na USP em 1934, o seu desenvolvimento só foi ocorrer de fato a partir do ano de 1970. Essa expansão, porém, foi vinculada ao desenvolvimento da geografia teórico-quantitativa, valorizando, predominantemente, os estudos baseados em dados estatísticos, análises de imagens, entre outros. Segundo Corrêa e Rosendahl (2008, p. 74), “para os adeptos dessa corrente a cultura era secundária, marginal ou residual. No melhor dos casos a cultura seria transformada em uma variável que comporia uma matriz de informações”.

Além disso, ainda segundo Corrêa e Rosendahl (2008), a falta de interesse dos geógrafos culturais norte-americanos pelo Brasil também acarretou o atraso do desenvolvimento da geografia cultural brasileira. Carl Sauer e a grande maioria de seus discípulos, ao pesquisarem temáticas estrangeiras, se detinham apenas à América de língua espanhola.

Entretanto, o Brasil possui vasta produção cultural de interesse ao geógrafo e, a partir da década de 1990, a temática passou por um notável crescimento, introduzindo assim o tema da música como um interesse de estudo geográfico (PANITZ, 2012). Nessa interface entre música e geografia, o precursor no país foi João Baptista Ferreira de Mello, com sua dissertação de mestrado, defendida em 1991 pela UFRJ. Por meio de uma abordagem humanista, “Mello se inspira para interpretar a cidade do Rio de Janeiro sob a ótica de seus compositores, no período de 1928 à 1991” (PANITZ, 2012, n.p).

Dez anos depois, em 2001, outra dissertação e uma tese de doutorado são defendidas, dando continuidade aos estudos acadêmicos dessa abordagem geográfico-musical, conforme descritas a seguir (PANITZ, 2012). Glauco Vieira Fernandes, pela UECE, aborda, em sua dissertação de mestrado, a questão do território a partir da obra do cantor e compositor Luiz

Gonzaga, apontando como a música do artista colabora na construção da territorialidade e das representações sociais do sertanejo. Já Nélson Nóbrega Fernandes, em sua tese de doutorado na UFRJ, apresenta a formação e a consagração das escolas de samba do Rio de Janeiro como instituição cultural que representa um dos maiores pilares da identidade nacional do país.

A partir daí, outros trabalhos começaram a despontar no cenário da geografia brasileira, conforme indicado no quadro 2, elaborado com base no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, entre os anos de 1991 e 2010:

Quadro 2: Pesquisas em geografia e música nas pós-graduações brasileiras – 1991-2010

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
1991	João Baptista Ferreira de Mello	O Rio de Janeiro dos compositores de música popular brasileira 1928-1991: uma introdução à Geografia Humana	UFRJ - Mestrado
2001	Glauco Vieira Fernandes	A territorialidade sertaneja no cancionário de Luiz Gonzaga	UECE - Mestrado
2001	Nelson da Nóbrega Fernandes	Festa, cultura popular e identidade nacional: as escolas de samba do Rio de Janeiro	UFRJ - Doutorado
2002	Nilo Américo Rodrigues Lima Almeida	Do território dos sentidos ocupados à sintonia com o entorno – um canto para a música na Geografia	USP - Mestrado
2006	Cláudia Regina Vial Ribeiro	Espaço-vivo: as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de Diamantina, do ponto de vista dos músicos	PUC-MG - Doutorado
2006	Denilson Araújo de Oliveira	Territorialidades no Mundo Globalizado: outras leituras da Cidade a partir da cultura Hip Hop	UFF - Mestrado
2008	Alexandre Francisco Camargo	Festas Rave: uma abordagem da Geografia Psicológica na identificação de territórios autônomos	UFMT - Mestrado
2009	Alessandro Dozena	As territorialidades do samba na cidade de São Paulo	USP - Doutorado
2009	Michel Rosadas	Nascentes e Tributários de um Rio Musical – Salve Estácio, Cidade Nova e a Vila de Noel “...só quer mostrar que faz Samba também...”	UERJ - Mestrado
2009	Marco Antonio Correia	Representação e ensino, a música nas aulas de geografia: emoção e razão nas representações geográficas	UFPR – Mestrado
2009	Daniel de Castro Fernandes Coelho	Heitor Villa-Lobos: a espacialidade na alma brasileira	UFRJ - Mestrado
2010	Juliana Cunha da Costa	Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural de Salvador e Camaçari	UFBA - Mestrado
2010	Lucas Manassi Panitz	Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina	UFRGS - Mestrado

Fonte: PANITZ, 2012, n.p.

Panitz (2012) usou os seguintes termos em sua busca para a elaboração do quadro acima: geografia e música; território e música; região e música; paisagem e música e; espaço e música. Em seguida, foram selecionados apenas os trabalhos vinculados aos Programas de

Pós-Graduação em Geografia, totalizando 13 registros no período de nove anos. Apesar de servir para ilustrar as pesquisas sobre música na área geográfica, no que tange a pós-graduação, é evidente que o quadro apresenta uma lacuna entre 2011 até a presente data. A fim de atualizar este levantamento, foi realizada uma nova consulta no site da CAPES para buscar os trabalhos relacionados a partir de 2011, conforme apresentado no quadro 3. Para a sua elaboração, utilizou-se o termo “música” no campo de pesquisa e, em seguida, selecionou-se somente os registros de Programas de Pós-Graduação em Geografia.

Quadro 3: Pesquisas em geografia e música nas pós-graduações brasileiras – 2011-2021

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2011	Fernando Lucci Resende de Souza	Composição urbana, ritmos e melodias de uma geografia de vida, Villa-Lobos o moderno compositor carioca: Na trilha dos Choros	UFF - Mestrado
2011	Melissa Souza dos Anjos	Lugares e personagens do universo buarqueano	UERJ - Mestrado
2011	Bruno Picchi	De homens e caranguejos ao caranguejos com cérebro: a região cultural do movimento manguebit e o Recife contemporâneo	UNESP - Mestrado
2012	Anedmafer Mattos Fernandes	O lugar e o som: estudo geográfico da música guarani	UFGD - Mestrado
2012	Renan Lélis Gomes	Território usado e movimento Hip Hop: cada Canto um Rap, cada Rap um Canto	UNICAMP - Mestrado
2012	Ana Lúcia Teixeira	A geografia brasileira em Villa-Lobos	UERJ - Mestrado
2013	Villy Creuz	Compassos territoriais: os circuitos da economia urbana na música em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Goiânia	USP - Mestrado
2013	Carolina Deconto Vieira	O diálogo entre espaço e música na geografia: a espacialidade musical da sinfonia n. 09 de Antonin Dvorak	UFPR - Mestrado
2013	Carolina Machado Rocha Busch Pereira	Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque	USP - Doutorado
2014	Sheila Cristina Panigassi Tamburo	Geografia e música: leituras geográficas da construção da identidade brasileira através da música	PUC-SP - Mestrado
2014	Nina Puglia Oliveira	Análise socioespacial do mercado de música de Brasília-DF	UnB - Mestrado
2014	Higor Marcelo Lobo Vieira	Trajetórias individuais e processos coletivos do rap indígena: territórios e territorialidades do Grupo Brô MC'S	UFGD - Mestrado
2014	Raphael de Carvalho Aranha	A geografia do turismo do Estado do Rio de Janeiro: conservatória um estudo de caso	PUC-SP - Mestrado
2014	Cristiano Nunes Alves	Os circuitos e as cenas da música na cidade do Recife: o lugar e a errância sonora	UNICAMP - Doutorado
2014	Rodrigo Alves Pinto Milione	O capitalismo cognitivo-cultural na Lapa: o consumo da música ao vivo, um produto cultural	UERJ - Mestrado
2014	Henrique Albiero Pazeti	A região do Médio Tietê e os primeiros acordes paulistas: o Cururu	UNESP - Mestrado
2014	Beatriz Helena Furlanetto	Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso	UFPR - Doutorado

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2014	Iuri Daniel Barbosa	Das raízes às ramagens: quatro troncos na construção de uma música missioneira	UFRGS - Mestrado
2014	Luiz Gonzaga Falcão Vasconcellos	Itinerários geográficos: pensando e refletindo	UFU - Mestrado
2015	Gustavo da Silva Diniz	Atividades criativas e desenvolvimento territorial: música, território e criatividade em Tatuí-SP	UNESP - Mestrado
2016	Gustavo Henrique de Abreu Silva	A paisagem musical rondoniense: poéticas de uma urbanidade beradereira	UFPR - Doutorado
2016	Lucimar Magalhães de Albuquerque	Dority e Dércio Marques: geógrafos das canções	UFU - Doutorado
2017	Lucas Manassi Panitz	Redes musicais e [re]composições territoriais no Prata: por uma geografia da música em contextos multi-localizados	UFRGS - Doutorado
2017	Deise Caroline Trindade Lorensi	Geografia cultural e música gaúcha: a construção da paisagem cantada da 13ª Região Tradicionalista o Rio Grande do Sul	UFES - Mestrado
2017	Tiago Lins de Lima	Lugar e memória: uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba	UNIR - Mestrado
2017	Victor Hugo Morais Freitas	Espaço sertanejo: a música sertaneja cantando o espaço geográfico	UFG - Mestrado
2017	Rafael Schoenherr	A imagem da música no espaço público em Ponta Grossa (PR) de 2010 a 2014: implicações geográficas do fotojornalismo cultural	UEPG - Doutorado
2017	Rafael Cordeiro da Cruz	Territorialidade autônoma, utopia e geografia decolonial para o direito à cidade: um ensaio sobre o carnaval de rua no Rio de Janeiro	UFRRJ - Mestrado
2018	Mauricio Moyses	Circuito rap do Distrito Federal: território usado e lugar	UNICAMP - Mestrado
2018	Rafael Florencio da Silva	A construção já é ruína – A tropicália de Caetano Veloso sob o processo de modernização do território brasileiro	USP - Mestrado
2018	Jordania Alyne Santos Marques	As territorialidades da festa junina de Campina Grande (PB)	UFRN - Mestrado
2018	Elcio Cleverson Skulni	Os músicos de rua na paisagem sonora do calçadão da Rua XV de Novembro em Curitiba/PR	UFPR - Mestrado
2018	Felipe Giordano Azevedo da Silva	Marapanim Terra do Carimbó: Ensaios de Geografias e Culturas	UFPA - Mestrado
2018	Eluana Carvalho da Silva	A geograficidade dos alunos da EJA percebida na música como representação do lugar Manaus-AM 2018	UFAM - Mestrado
2018	Azania Mahin Romão Nogueira	Territórios negros em Florianópolis	UFSC - Mestrado
2018	Dalila Naiara Costa Henrique da Silva	Migração, música e lugar: identidade territorial representada pela cultura musical do migrante interestadual em Manaus	UFAM - Mestrado
2018	Thaimon da Silva Socoloski	Cultura e território da imigração polonesa no município de Áurea/RS	UFES - Mestrado
2018	Karen da Silva Soares	O ensino da geografia permeando territorialidades juvenis pela música	UFRGS - Mestrado
2018	Carlos Felipe Christmann Stoll	Cartografia da música de rua de Porto Alegre - RS	UFRGS - Mestrado

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2019	Denis Rilck Malaquias	Música caipira de concerto: territorialidades e trajetórias da viola e violeiros no âmbito caipira	UFG - Doutorado
2019	Jeilson Freitas de Souza Ezídio	A música como Metodologia de Ensino da Geografia do Bioma Pantanal	UFMS - Mestrado
2019	Cassio Lopes da Cruz Novo	Tomorrowland: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo	UERJ - Doutorado
2019	Adriana Tenorio da Silva	Espaço e música: análise das práticas socioespaciais a partir do tecnobrega e melody na dinâmica urbana de Macapá – AP	UFG - Doutorado
2020	Adriana Aparecida de Andrade	Música em espaços públicos: estudo sobre eventos musicais na área central da cidade de Ponta Grossa-PR	UEPG - Mestrado
2020	Claudio Soares Barros	Uma esquina no mundo: a difusão espacial do movimento Clube da Esquina como fenômeno estético cultural	PUC-MG - Doutorado
2021	José Helber Siqueira Gomes Ribeiro	Das colinas aos alagados: paisagens e lugares de uma Olinda musical entre grooves e tambores	UFPE - Mestrado
2021	Bruno Daniel das Neves Benitez	Guitarra e tambor: Territorialidade e expressões do Carimbó em Belém-PA.	UFPA - Mestrado
2021	Gleyber Eustáquio Calaça Silva	Na trilha do metal: a construção de territorialidades das Bandas de Heavy Metal de Belo Horizonte nos anos 1990 e 2000	PUC-MG - Mestrado
2021	Tuan Medino Gomes da Silva e Sá	A música como recurso para ensinar o lugar na Escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares - Cascavel	UNIOESTE - Mestrado
2021	Roberto Marra Carvalho	A música como recurso didático nas aulas de geografia do Ensino Fundamental II	UFCAT - Mestrado

Fonte: CAPES, 2016a. Elaboração própria.

O quadro 3 mostra um aumento considerável de pesquisas nos últimos anos, contando com 50 trabalhos em um período de uma década. Foi possível perceber uma concentração de trabalhos nos anos de 2018 e 2014. Em 2018, foram 11 pesquisas publicadas, todas referentes a mestrados. Já em 2014, foram oito trabalhos de mestrado e dois de doutorado, totalizando 10 publicações. Ao todo, predominam dissertações de mestrado, com 39 ocorrências. As teses de doutorado aparecem 11 vezes no período contemplado.

Vale ressaltar que alguns dos autores presentes no quadro 3 com as pesquisas acima descritas (como Elcio Cleverson Skulni e Jordania Alyne Santos Marques) e também com outros estudos (como Nina Puglia Oliveira e Gustavo da Silva Diniz), são citados novamente neste trabalho, conforme será indicado no capítulo 4, no qual é analisado o cenário atual das pesquisas em geografia e música, segundo objetivo deste trabalho.

Há outras publicações acadêmicas, como artigos, livros e outros textos, que também apontam para o desenvolvimento da temática no Brasil em seus mais distintos enfoques. Alguns dos primeiros artigos no país são de autoria de Zilá Mesquita, no ano de 1997, sobre

os territórios na região do Prata – localizada no extremo Sul do Brasil, fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai – e seus traços culturais, com destaque para a música.

Outro artigo que vale destacar, segundo Panitz (2012), é do pesquisador Eduardo Schiavone Cardoso, que realizou uma investigação da questão urbana na cidade de São Paulo por meio das obras do compositor Itamar Assumpção relacionadas à ciência geográfica. As canções de Assumpção apresentam:

leituras dos aspectos geográficos mais gerais e da cidade de São Paulo, que representam uma interpretação pessoal, compartilhada com seus ouvintes. [...] De forma única e carregada de imagens poéticas, descreve a cidade, seus dramas, parte de sua paisagem e seu cotidiano (CARDOSO, 2009, p. 39).

Ambos os autores mencionados acima tiveram seus artigos publicados pela Revista Espaço e Cultura, vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) da UERJ. Desde 1995, a revista busca propagar a temática cultural na geografia brasileira e já recebeu diversos textos sobre geografia e música (CASTRO, 2009 *apud* SOUZA, 2013). Inclusive, a edição mais recente disponível no site do periódico¹ – de junho/dezembro de 2021 – é voltada exclusivamente para a temática musical e homenageia João Baptista Ferreira de Mello, docente que, como visto acima, foi precursor na geografia musical brasileira e que faleceu em julho de 2021. A edição de número 50 intitulada: “Geomúsica na América Latina” apresenta, além do editorial, 10 artigos e uma tradução sobre o tema.

Criado em 1993 sob a coordenação da professora Zeny Rosendahl, o NEPEC também é responsável pela coletânea: “Geografia Cultural”, que reúne trabalhos sobre as relações entre espaço e cultura no Brasil. Ao todo, já foram publicadas mais de 20 edições, duas delas voltadas diretamente para a questão musical: a 14ª edição “Literatura, música e espaço” e a 16ª edição “Cinema, música e espaço” (SOUZA, 2013).

O professor Hélio de Araújo Evangelista também publicou uma pesquisa relevante para a temática geográfica-musical. Em seu livro: “Rio de Janeiro e a música. Uma reflexão sobre a decadência, a carioca e a da própria música”, Evangelista aborda as ambiências espaciais dos seguintes estilos musicais: samba, bossa-nova, rock e funk na cidade do Rio de Janeiro. Diferente do pioneiro João Baptista Ferreira de Mello, em 1991, o autor “propõe um estudo não baseado nas representações literárias das canções, ‘mas sim ao conteúdo da

¹ <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/index>

história espacial das músicas” na referida cidade (EVANGELISTA, 2005, p. 8 *apud* PANITZ, 2012, n.p).

Outro livro que reúne textos sobre os temas geografia e música é “Geografia e Música: Diálogos”, organizado por Alessandro Dozena e publicado em 2016. O livro conta com 13 artigos que demonstram a aproximação entre essas duas temáticas por diversas interfaces, desde abordagens mais abrangentes como no capítulo intitulado: “Geografia e Música: Aproximações e Possibilidades de Diálogo”, de Alexandre Moura Pizotti, ou mais específicas como no artigo: “A Geografia do Médio Tietê – SP e sua Poesia Cururueira”, de Henrique Albiero Pazetti. De acordo com o organizador, o estudo da temática é necessário, pois:

[...] geografia e música são transversais à vida humana em suas múltiplas dimensões: sons, sentidos, espacialidades, ritmos, fluxos, melodias, etc., que se constituem em diálogos possíveis de práticas que enredam as experiências vividas espaço-sonoramente (DOZENA, 2016, p. 8).

É importante apresentar essas publicações, mesmo que elas não representem toda a produção existente acerca do tema música na geografia e nem todas as abordagens já utilizadas. Elas apontam para um cenário geral, revelando discussões e novas possibilidades, abrindo caminhos para as análises que serão apresentadas no capítulo seguinte (PANITZ, 2012).

Apesar do evidente papel desempenhado por todas as pesquisas acima citadas, neste trabalho, dar-se-á destaque para as dissertações de mestrado e teses de doutorado. Essa escolha se justifica por entender que, a partir destas pesquisas, é possível uma leitura mais densa sobre as temáticas abordadas. Considerando o cenário de múltiplas abordagens nas pesquisas geográficas no país, os programas de Pós-graduação devem levar isso em consideração, para possibilitar “geografias plurais ao criar condições para fortalecer as linhas de pesquisa e efetuar a inclusão de docentes que possibilitem essa leitura” (ALMEIDA, 2020, p. 90). Para isso, no tópico a seguir, será apresentado como se consolidou a Pós-graduação em geografia e a importância da Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia (ANPEGE) no cenário atual.

3.1 A Pós-graduação em geografia no Brasil e o papel da ANPEGE

O processo de implementação de cursos em nível de Pós-graduação nas universidades brasileiras é recente. Consequentemente, este movimento também chega de forma tardia na

geografia. A criação dos primeiros cursos de Pós-graduação em geografia no Brasil ocorreu em 1971 pela USP com os cursos de Geografia Física e Geografia Humana. No ano seguinte, ocorreu a implantação do Programa de Pós-graduação em Geografia na UFRJ. A partir de então, houve um desenvolvimento de outros programas de Pós-graduação nas capitais dos estados e, em seguida, nas principais cidades do interior. Ao final da década de 1990, o país já contava com 19 cursos em funcionamento, entre mestrados e doutorados – número que saltou para 47 em 2005. (SUERTEGARAY, 2007).

As agências de fomento em pesquisa passam a conceder bolsas de estudo aos pós-graduandos, ocasionando uma maior procura por estes cursos a partir da década de 2000. Além disso, segundo Silva e Dantas (2005, p. 22), a demanda pela Pós-graduação em geografia também é positivamente influenciada pela “conquista de licença de afastamento para realização de cursos de pós-graduação, com a consequente liberação de professores de suas cargas de aula e pesquisa junto aos Departamentos”. Nesse cenário, mesmo que a expansão dos programas de Pós-graduação apontasse para uma interiorização dos cursos na área de geografia, esse crescimento, porém, se deu de forma desigual, sendo possível verificar o seu reflexo atualmente, conforme tabela 1 abaixo, que apresenta o quantitativo de cursos de Pós-Graduação no Brasil por região:

Tabela 1: Total de cursos de Pós-graduação em geografia por regiões brasileiras – 2022

Região	Mestrado	Doutorado	Mestrado Profissional	Doutorado Profissional	Total
Centro-oeste	11	05	-	-	16
Sul	13	09	01	-	23
Sudeste	24	13	01	-	38
Norte	08	03	-	-	11
Nordeste	16	07	03	-	26
Total	72	37	05	-	114

Fonte: CAPES, 2016b. Elaboração própria.

A região Sudeste, pioneira na criação da Pós-graduação em geografia, ainda prevalece com o maior número de cursos na área, sendo 24 mestrados, 13 doutorados e um programa de mestrado profissional, totalizando 38 cursos, seguida pela região Nordeste, atualmente com 26 cursos de pós-graduação. A região Sul conta com 23 cursos, sendo 13 de mestrado, nove de doutorado e um de mestrado profissional. Em penúltimo lugar aparece a região Centro-oeste, com 16 cursos de pós-graduação e, por último, a região Norte, com apenas oito cursos

de mestrado e três de doutorado. Pode-se afirmar que a distribuição espacial dos programas de Pós-graduação em geografia acompanha a concentração demográfica (MENDONÇA, 2005).

Outra iniciativa para o desenvolvimento e consolidação da Pós-graduação em geografia no Brasil foi a criação da Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia (ANPEGE). Durante a realização do 4º Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia, em setembro de 1993 na cidade de Florianópolis, reuniram-se representantes de todos os programas de Pós-graduação existentes até então para a criação e aprovação do primeiro estatuto da entidade. A primeira diretoria foi composta por três professores da USP: Prof. Dr. Milton Santos, como presidente, Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza, como secretária e Profa. Dra. Amália Inês G. de Lemos, como tesoureira (XIII ENANPEGE, 2019).

A ANPEGE tem como meta principal promover a qualificação da Pós-graduação na área de geografia no Brasil. Além disso, a entidade também:

[...] promove atividades de natureza científica e pedagógica de interesse geográfico; organiza, bianualmente, os Encontros Nacionais de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia; implementa uma política editorial visando, sobretudo, difundir a produção do conhecimento geográfico; e promove constantes intercâmbios entre os programas e órgãos relacionados à Pós-Graduação e pesquisa no Brasil e no exterior, objetivando o aprimoramento da Geografia (XIII ENANPEGE, 2019).

O primeiro Encontro Nacional da ANPEGE (ENANPEGE) aconteceu em 1995 na cidade de Aracaju, uma vez que o Núcleo de Pós-graduação em Geografia da UFS teve um papel importante nas discussões que deram origem a Associação. O tema foi “Território Brasileiro e Globalização” e o evento contou com a realização de mesas redondas, comunicações de trabalho, assembleias, além de apresentações culturais típicas do estado de Sergipe (FRANÇA, 2020).

Os encontros seguintes foram ocorrendo de maneira semelhante, bianualmente, em diversas cidades do país. A edição VII do evento, que aconteceu na cidade de Niterói em 2007, foi a primeira que apresentou Grupos de Trabalho (GT) por temas afins, como forma de organização das comunicações científicas, e contou com 19 grupos temáticos. A partir de então, a modalidade se consolidou nos eventos posteriores. Na décima edição, em 2013, já havia 31 Grupos de Trabalho (XIII ENANPEGE, 2019).

É imprescindível destacar que na décima segunda, décima terceira e décima quarta edições, em 2017, 2019 e 2021, respectivamente, o ENANPEGE dedicou um Grupo de Trabalho específico para a temática geográfico-musical. O grupo: “Geografia, música e sons:

diálogos” veio ao encontro da nova geografia cultural ao corroborar com uma nova maneira de se pensar a ciência geográfica, compreendendo a música como parte significativa do espaço geográfico, moldando e sendo moldada pelos lugares, paisagens, territórios e regiões. O grupo possui três linhas de diálogo entre geografia e música:

- 1) Abordagens da Geografia Social: diversidade de tratamentos teóricos relacionados à dimensão espacial dos fatos musicais, que perpassam pelas geografias pós-coloniais, geografias críticas, estudos culturais, estudos urbanos, entre outros;
- 2) Abordagens da Geografia Humanista voltada à dimensão simbólica, percepções e representações espaciais da música;
- 3) Abordagens relacionadas ao uso da música como recurso metodológico no ensino de geografia (XIII ENANPEGE, 2019).

Em sua primeira ocorrência, o referido GT reuniu 10 artigos apresentados no XII ENANPEGE 2017, conforme consta no site do evento². Os coordenadores do grupo de trabalho foram Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (UFRGS), Prof. Dr. Alessandro Dozena (UFRN), Prof. Dr. Marcos Alberto Torres (UFPR) e Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde (USP). O tema do evento em 2017 foi: “Geografia, Ciência e Política: do pensamento à ação, da ação ao pensamento”. O objetivo, segundo a organização, foi pensar a geografia na sociedade brasileira como produtora de conhecimento e refletir sobre o papel político dessa produção. As atividades aconteceram no *campus* da UFRGS, Porto Alegre, reunindo mais de 60 programas nacionais de pós-graduação e 49 grupos de trabalhos, além de fóruns, conferências, mesas redondas, lançamentos de livros e atividades culturais.

Já na edição seguinte, XIII ENANPEGE 2019, foram 15 trabalhos aceitos, sendo somente 14 disponibilizados no site do evento³. Os coordenadores do GT foram novamente: Prof. Dr. Alessandro Dozena, Prof. Dr. Marcos Alberto Torres e Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde. O tema central foi “A Geografia Brasileira na Ciência-Mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento” e foi realizado em São Paulo, no Departamento de Geografia da USP. O evento teve 55 grupos de trabalho que visavam dialogar com a temática por meio de uma problematização do processo de internacionalização da ciência geográfica. Ocorreram também fóruns, mesas redondas, conferências, lançamentos de livros, trabalhos de campo e atividades culturais.

² <http://www.enanpege.ggf.br/2017/>

³ <http://www.enanpege.ggf.br/2019/>

O XIV ENANPEGE 2021, edição mais recente do evento, teve 19 artigos no referido GT e 18 disponíveis em seu site⁴. Os coordenadores do GT foram Prof. Dr. Cristiano Nunes Alves (UEMA), Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro De Oliveira (UFC), além dos três coordenadores do ano anterior, citados no parágrafo acima. O evento seria realizado em João Pessoa, na UFPB, porém, devido à pandemia do vírus SARS-CoV-2 (COVID 19), essa foi a primeira edição online do encontro. A pandemia também influenciou a temática: “A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraliberal” foi o tema central que norteou os 73 grupos de trabalhos e as demais atividades virtuais do evento, como conferências e mesas redondas.

As pesquisas relacionadas à temática Geografia e Música publicadas no ENANPEGE constituem um retrato recente sobre o tema e apontam quais são os caminhos que serão – ou já são – percorridos na Pós-graduação brasileira. No capítulo a seguir, são apresentados os trabalhos publicados e disponibilizados nas três referidas edições do evento no GT “Geografia, música e sons: diálogos”, a fim de analisar, mesmo que de forma breve, este panorama. Para isso, os artigos foram classificados em grupos temáticos para analisar em qual tendência cada um se encaixa.

⁴ <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-xiv-enanpege>

4 A MÚSICA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DO ENANPEGE

Conforme apresentado acima, o ENANPEGE em seu GT “Geografia, música e sons: diálogos” teve, ao todo, 44 trabalhos publicados três nas edições do evento (2017, 2019 e 2021). Foi possível localizar a relação destes trabalhos acessando os anais eletrônicos de cada edição do evento. Abaixo, estes trabalhos seguem listados, bem como seus autores e a instituição a que estes pertencem:

Quadro 4: Trabalhos apresentados no GT “Geografia, música e sons: diálogos” – 2017, 2019 e 2021

ANO	AUTOR(ES/AS)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2017	Gustavo da Silva Diniz	A cidade e a música	UNESP
	Auro Aparecido Mendes		
2017	Jordania Alyne Santos Marques	As paisagens sonoras urbanas da festa junina de Campina Grande (PB)	UFRN
2017	Bruno de Andrade Lima Melo	Colonial Mentality: a música de Fela Kuti e a territorialidade musical da "República de Kalakuta"	UFPE
2017	Renato Coimbra Frias	Música ambiência e paisagens sonoras: breves reflexões sobre a análise geográfica das canções	UFRJ
2017	Denis Rilk Malaquias	O som da viola 'invocando' um sentimento topofilico caipira	UFG
2017	Alexandre Moura Pizotti	O subúrbio e a canção: lugares cariocas	UERJ
2017	Elcio Cleverson Skulni	Os músicos de rua na paisagem sonora de Curitiba/PR	UFPR
2017	Luiz Raphael Teixeira da Silva	Paisagem sonora na formação do patrimônio imaterial evangélico da região metropolitana de Fortaleza-CE	UFC
	Christian Dennys Monteiro de Oliveira		
2017	Lawrence Mayer Malanski	Sons, territórios e territorialidades: marcas dos cotidianos urbanos	UFPR
	Miguel Bahl		
2017	Lucas Renato Adami	Trajetórias juvenis no movimento hip-hop: a forma como a música e a grafia compõem a paisagem em ponta grossa-PR	UEPG
	Almir Nabozny		
2019	Ana Carolina Paula Basílio	A funkeografia na escola-periférica	UFSCAR
2019	Pedro Teixeira Vilela	A geografia da música de Recife pós-manguebit: reflexões a partir da obra e lugares de Cinval Coco Grude	UFPE
2019	Jose Helber Siqueira Gomes Ribeiro	Das colinas, aos alagados: a paisagem musical de Olinda-PE, revisitada na cena cultural da cidade	UFPE
2019	Andréia Ribeiro Cunha	Do rap ao batidão: a produção político-cultural periférica nos movimentos funk e hip hop	UFF

ANO	AUTOR(ES/AS)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2019	Adriana Tenório da Silva	Espaço, música e práticas socioespaciais: o tecnobrega e o melody na dinâmica urbana da cidade de Macapá-AP	UFG
2019	Gleyber Eustáquio Calaça Silva	Glocal metal: a cena do heavy-metal de Belo Horizonte dos anos 1980s frente à glocalização	PUC-MG
	Leonardo Henrique Alves de Lima Nascimento		
	Alexandro Magno Alves Diniz		
	Gláycion de Souza Andrade e Silva		
2019	Julia Santos Cossermelli de Andrade	Mapa do animal: uma geografia popular do Rio de Janeiro através do choro - percorrendo os registros de Alexandre Gonçalves Pinto	UERJ
2019	Edilberto José de Macedo Fonseca	Mapeamento do forró no Rio de Janeiro: práticas, representações e sociabilidades	Não consta.
2019	Rafael Florêncio da Silva	Nação e periferia: topografia da crise na canção brasileira	USP
2019	Marcos Roberto Pereira Moura	Os festivais de rock independente no interior de Goiás: territorialidades da música alternativa	UnB
2019	Alberto Luiz dos Santos	Os lugares do futebol popular e suas sonoridades: analisando as batucadas de beira de campo em São Paulo (SP)	USP
2019	Michel Moreaux	Performance e música: possibilidades de trocas afetivas e de ocupação do espaço público no Festival Ativista de Fanfarras Honk! Rio 2018	UERJ
2019	Lucas Manassi Panitz	Redes musicais e (re)composições territoriais no Prata: por uma geografia da música	UFRGS
	Álvaro Luiz Heidrich		
2019	Caroline Pinho de Araújo	"Se a rádio-patrolha chegasse aqui agora seria uma grande vitória ninguém poderia correr, agora que eu quero ver quem é malandro não pode correr." A espacialidade da malandragem no Rio antigo	UERJ
2019	Marcus Vinicius Costa	Sempre Perigosa Sem Piedade: uma música que vai além da melodia	UFGD
2021	Lívia Rita Castro dos Santos	A Bahia de Gilberto Gil: o espaço geográfico na música Água de Meninos como representação da realidade	UFBA
2021	Gleyber Eustáquio Calaça Silva	A cena heavy metal belo-horizontina: dos territórios existenciais ao ciberespaço	PUC-MG
2021	Bruno Mendes Mesquita	A experiência com a paisagem sonora de educandos cegos no ano letivo de 2020	UFF
2021	Bruno Daniel das Neves Benitez	A música enquanto elemento formador de identidade e territorialidade: reflexões a partir do Carimbó em Belém-PA	UFPA
2021	Cássio Lopes da Cruz Novo	Caminhadas e travessias de um Boi-Tolo: espaços ordinários de trânsito, lugares apoteóticos de transe para o carnaval de rua de Rio de Janeiro	UFJF
2021	Julia Santos Cossermelli de Andrade	Chico Buarque entre Brasil e Portugal: trânsito, apropriações e diálogos musicais	UERJ
2021	Nelson Rodrigo Pedon	Geografia e música: origem, desenvolvimento e estágio atual das pesquisas sobre música na geografia brasileira	IFSP

ANO	AUTOR(ES/AS)	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2021	Agustín Arostehuy	Infinito particular: um acercamiento poético al universo geográfico de atahualpa yupanqui. Taller de poesía para alumnos y alumnas de primero a sexto grado de la escuela Luciano Argüello de Cerro Colorado (Córdoba, Argentina)	Não se aplica.
2021	Thais Elis Godoy	Maracatu-nação e os grupos de maracatu de baque virado em São Paulo	UNESP
2021	Karen Miyasato Ribeiro	Música e práticas socioespaciais: uma análise a partir de estudantes de escolas de Dourados (MS)	UFGD
2021	Elisabete de Fátima Farias Silva	Musicalidades afro-atlânticas: afinidades desde o pulso corporal coletivo	UNICAMP
2021	Ana Judite de Oliveira Medeiros	O coral 'Canto do Sertão' da Bachiana brasileira nº 4 de Villa-Lobos: para ouvir outro sertão nordestino	UFRN
2021	Juliana Simões de Lima Glauco Bruce Rodrigues	O rap como leitor das desigualdades e violências metropolitanas	Não consta.
2021	Wanderson Ferreira dos Anjos	Os points de reggae em São Luís do Maranhão como reveladores de uma caracterização socioespacial	UNESP
2021	Nina Puglia Oliveira Fernanda Serafim Alves	Paisagem sonora: considerações teóricas para uma geografia sônica	UnB
2021	Odilon Monteiro da Silva Neto	Percepções de uma cidade: Canindé e sua paisagem sonora	UECE
2021	Vinicius Santos Almeida	Pornotopia do fracasso queer: reflexões iniciais sobre a dimensão espacial do movimento queerpunk em São Paulo	USP
2021	Jessica Wendy Beltrán Chasqui	Sonidos y música ancestral del pacífico como formas de expresión de la afro-geograficidad	Não se aplica.
2021	Pedro Henrique Teixeira Vilela	Uns pedacinhos do Brasil: comentários a partir das evocações sócio-espaciais pela música romântica no Nordeste do Brasil (1970-1990)	UFPE

Fonte: Elaboração própria.

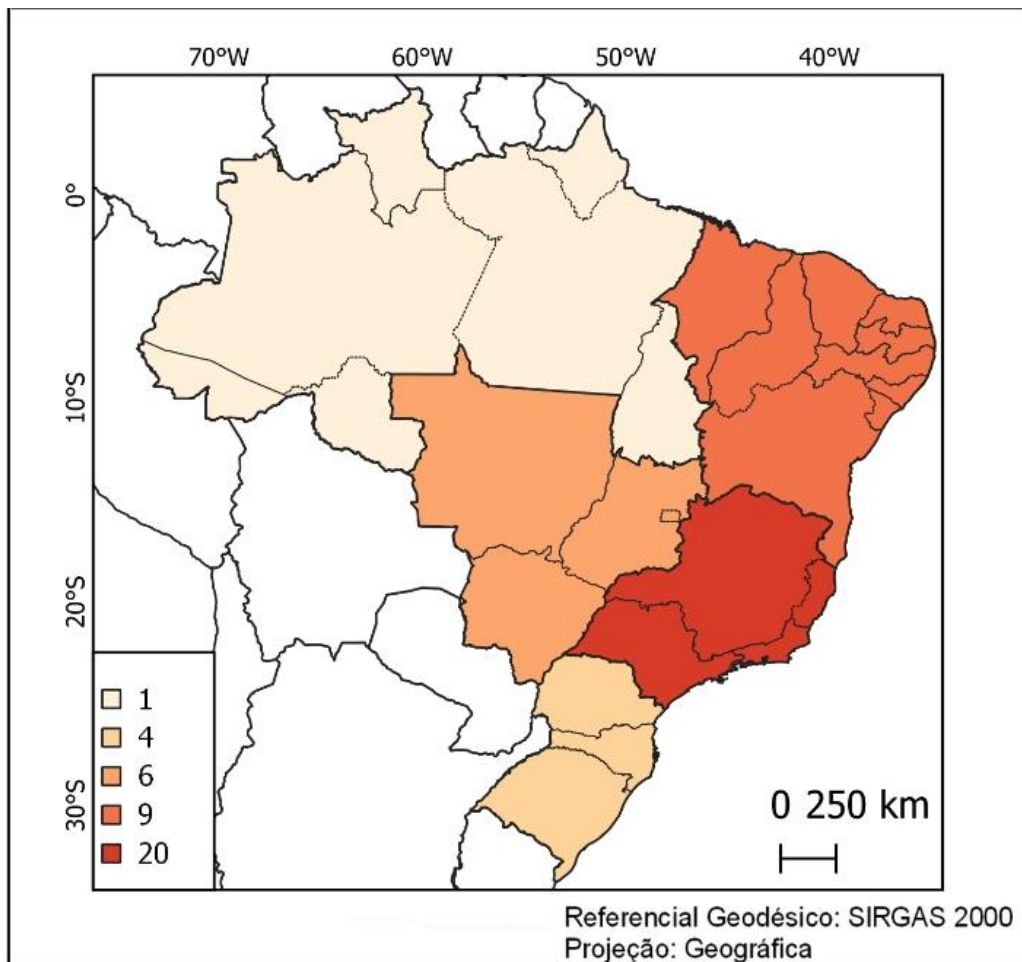
Como apontado no capítulo anterior, dois dos artigos relacionados no quadro acima não estavam disponíveis no site das edições do evento, são eles: “Mapeamento do forró no Rio de Janeiro: práticas, representações e sociabilidades”, do autor Edilberto José de Macedo Fonseca, apresentado no XIII ENANPEGE 2019 e “O rap como leitor das desigualdades e violências metropolitanas”, de Juliana Simões de Lima e Glauco Bruce Rodrigues, apresentado em 2021, na décima quarta edição do evento. Dessa forma, ambos não foram considerados nas análises aqui apresentadas.

Além disso, como o objetivo desse trabalho é verificar a abordagem da temática musical no Brasil, entendeu-se que os artigos, apresentados em 2021, de Agustín Arostehuy,

(Infinito particular: um acercamiento poético al universo geográfico de atahualpa yupanqui [...]) e de Jessica Wendy Beltrán Chasqui (Sonidos y música ancestral del pacífico como formas de expresión de la afro-geograficidad) também não deveriam entrar nas análises realizadas, por não tratarem de questões relativas ao campo de estudo brasileiro.

Sendo assim, foram selecionados 40 trabalhos, do total apresentado no quadro 4. A partir dessas informações preliminares, elaborou-se o mapa 1, a partir da localidade das instituições de ensino onde cada trabalho foi produzido, para ilustrar como os artigos do GT “Geografia, música e sons: diálogos” estão distribuídos no território brasileiro. Para facilitar a visualização e as análises, optou-se por utilizar a divisão em cinco grandes regiões brasileiras de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: Centro-oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul.

Mapa 1: Distribuição espacial por região dos trabalhos apresentados no GT “Geografia, música e sons: diálogos” em 2017, 2019 e 2021



Fonte: Elaboração própria.

É possível verificar que a maioria dos artigos publicados concentra-se na região Sudeste. Nesse grupo, destaca-se a UERJ com cinco trabalhos. Os outros 15 restantes se dividem, majoritariamente, entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e somente três aparecem relacionados ao estado de Minas Gerais, sendo dois da PUC-MG e um da UFJF.

Em seguida, aparece a região Nordeste com nove trabalhos do total selecionado. O destaque vai para a UFPE com quatro e a UFRN com dois artigos. As regiões Centro-Oeste e Sul não demonstram uma quantidade significativa de trabalhos publicados por universidade e, em último lugar, a região Norte aparece com apenas um artigo publicado pela UFPA, no estado do Pará.

Após esse levantamento inicial, foi realizada a leitura de cada artigo de uma maneira dinâmica, buscando destacar elementos principais como: palavras-chaves, objetivos, metodologias e resultados. Cabe ressaltar que, por se tratar de pesquisas que, muitas vezes, ainda estão em processo de desenvolvimento, nem todas apresentaram todos os elementos acima descritos.

Após a leitura, esses artigos foram sistematizados em um banco de dados por meio de uma tabela do programa Excel. A escolha dessa forma de organização teve como objetivo facilitar as análises realizadas nesta pesquisa ao agrupar e sintetizar as informações dos trabalhos selecionados. Para uma melhor visualização de sua estrutura, foi disponibilizada uma imagem ilustrativa da tabela no Apêndice A, onde cada linha representa um artigo, contendo doze colunas com informações diferentes.

As primeiras colunas têm como objetivo possibilitar uma visão geral dos trabalhos do GT. Inicia-se a tabela com a referência dos anos de publicação de cada trabalho. A segunda coluna corresponde ao título, enquanto a terceira corresponde ao nome(s) do(s) autor(es), seguida pela instituição a qual os autores pertencem e sua respectiva sigla, para facilitar a identificação no decorrer das análises.

A sexta coluna apresenta a região brasileira de cada uma das instituições apresentadas. O objetivo de relacionar essa informação é possibilitar a visualização espacial das pesquisas pelo país, a partir das abordagens de cada uma. A sétima coluna da tabela reúne as palavras-chaves de cada trabalho, já que elas contêm elementos importantes para identificar o tema de um artigo em ferramentas de buscas. A descrição de cada trabalho é apresentada na coluna seguinte, trazendo um breve resumo das informações colhidas durante a fase inicial de leitura.

A nona coluna apresenta a abordagem de cada artigo. Além das linhas de pesquisa do próprio GT, citadas no capítulo anterior, foram pensadas cinco abordagens para classificar cada trabalho e direcionar as interpretações que serão apresentadas no item a seguir. A partir

da leitura de cada artigo, constatou-se que as linhas de pesquisa elaboradas pela ANPEGE eram genéricas para o objetivo desta pesquisa e não contemplavam todas as diversidades dos trabalhos publicados no GT. Devido a isso, a criação dessas abordagens se justifica.

Primeiramente, foi verificado se os autores dos artigos optaram por um enfoque prático ou teórico e, em seguida, quais métodos foram utilizados para demonstrar os resultados obtidos até então. Dessa forma e a partir das abordagens sistematizadas por George O. Carney (2003), citadas no capítulo 2 deste trabalho, foram definidas as abordagens práticas: “Atividades de campo” e “Ensino e aprendizagem” e as abordagens teóricas: “Análise de obra musical”, “Discussão de autores e conceitos” e “Estudo de caso”.

A décima coluna apresenta as categorias tradicionais da geografia (lugar, paisagem, região e território) presentes em cada trabalho. Cada categoria determina a forma como os diversos fenômenos são abordados pela geografia no espaço e, dessa maneira, buscou-se verificar como essas categorias aparecem ligadas à temática musical em cada pesquisa.

A coluna seguinte apresenta todos os autores, ligados à geografia, que foram citados em cada trabalho, com o objetivo de listar quais foram as referências mais utilizadas. Para isso, foi levado em consideração o título da obra citada e/ou a formação do autor com uma rápida pesquisa em seu currículo disponível na Plataforma Lattes⁵. E, por fim, a referência de cada artigo selecionado, de acordo com as normas da Associação Brasileira de Notas Técnicas (ABNT), é apresentada na última coluna da tabela elaborada.

No que tange aos procedimentos metodológicos, utilizou-se a abordagem qualitativa. Na geografia, de acordo com Vera Pêsoa (2012), a ruptura do viés tradicional para o desenvolvimento da Nova Geografia, a partir da década de 1980, possibilitou que o método qualitativo constituísse novas perspectivas para a pesquisa científica. Neste trabalho, apesar de elencar categorias, o objetivo não é quantificar ou numerar os dados levantados, mas sim, obter uma interpretação induzida pela pesquisadora, já que, nos estudos qualitativos, o pesquisador influencia e é influenciado durante o processo de pesquisa. Segundo Coronel et al (2013, p. 308), “os estudos são realizados de modo descritivo [...]; a partir da análise dos dados empíricos, constroem-se os fundamentos teóricos, que são aprimorados a posteriori, com base na revisão de literatura de outros autores [...]”.

Após a elaboração da referida tabela, iniciou-se a análise e investigação das informações obtidas, conforme descrito no item a seguir.

⁵ <https://lattes.cnpq.br/>

4.1 Espacialidades, diretrizes e lacunas

Neste item, o objetivo é classificar e analisar as abordagens dos artigos apresentados no GT “Geografia, música e sons: diálogos” nas três edições do ENANPEGE (2017, 2019 e 2021). A primeira investigação realizada foi verificar quais autores publicaram em mais de uma edição do evento, para averiguar como as temáticas estudadas se desenvolveram com o passar dos anos. O autor Gleyber Eustáquio Calaça Silva, da PUC-MG, publicou em duas edições do evento os resultados de sua pesquisa sobre os impactos da cena *heavy metal* na cidade de Belo Horizonte. No ano de 2019, o autor estava desenvolvendo sua dissertação de mestrado e publicou um artigo, com outros três autores, no qual verifica como o *heavy metal* – uma manifestação cultural global – influenciou a constituição do cenário local, abordando o conceito de glocalismo. Para tanto, realizou uma revisão bibliográfica sobre temáticas afins e desenvolveu um estudo de caso com bandas do gênero musical em questão. Já o artigo publicado pelo autor em 2021 apresentou os apontamentos iniciais de sua tese de doutorado, que propõe investigar, por meio de mapeamentos, os impactos do espaço virtual (ciberespaço) nas práticas musicais e na materialidade espacial da cena de *heavy metal* no decorrer dos anos.

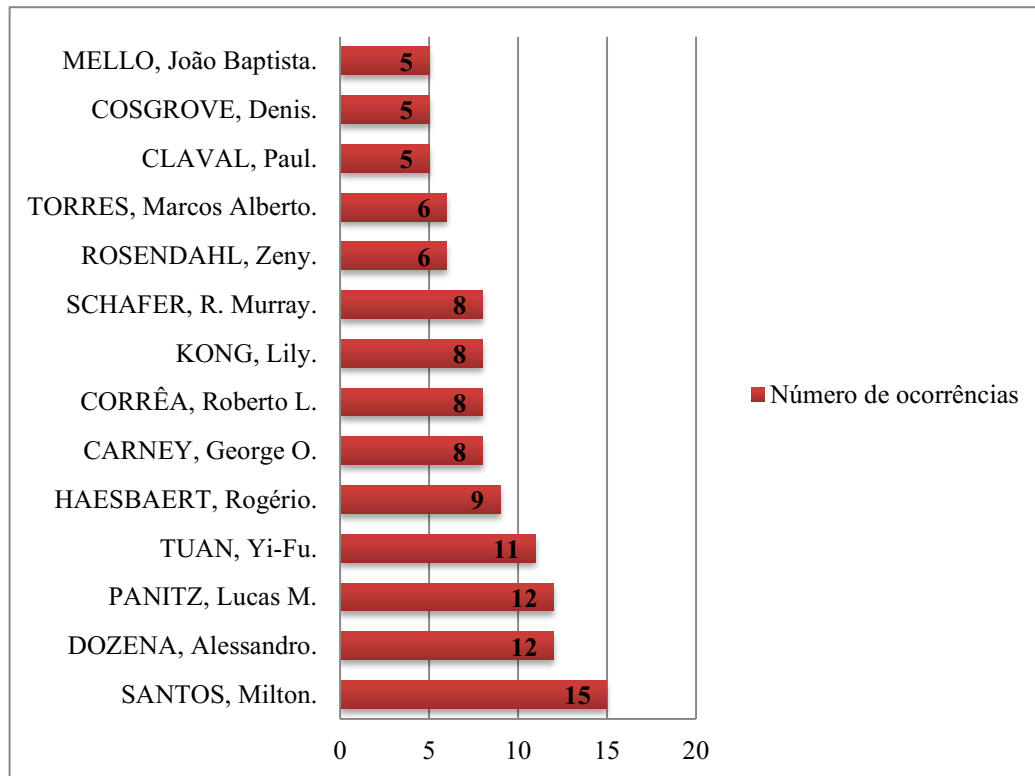
A autora Julia Santos Cossermelli de Andrade também publicou dois trabalhos em diferentes edições do evento. Porém, ao contrário do exemplo acima, que apresentou uma evolução do tema proposto pelo pesquisador durante sua pós-graduação, a referida autora abordou temáticas diferentes em cada ano, resultantes de projetos de pesquisa realizados após a obtenção do título de pós-doutorado⁶. Na edição XIII, busca compreender o espaço geográfico por meio dos usos populares do território na relação de fixos e fluxos a partir da vida do artista Alexandre Gonçalves Pinto. Considera, ainda, que são os músicos e os ouvintes que compõem a identidade do movimento, que se reterritorializa em novas situações e ganha novos significados a partir do seu entorno social. Já na edição XIV, a autora apresentou um mapeamento da circulação das mensagens poéticas e políticas, por meio de discos, shows e entrevistas do cantor Chico Buarque entre Brasil e Portugal e defende que as canções e seus contextos políticos podem adquirir diferentes apropriações em diferentes momentos históricos, sejam em outros tempos ou outros espaços.

Em seguida, buscaram-se quais autores são mais citados nos trabalhos publicados. Como dito no item anterior, foram levados em consideração somente os que dialogavam com

⁶ <http://lattes.cnpq.br/7983902103441144>

a ciência geográfica com o intuito de averiguar as referências mais procuradas para tratar a temática musical na geografia. Verificou-se mais de 180 autores citados. Segue, no gráfico 1 abaixo, segue a relação dos que apareceram em cinco ou mais trabalhos na somatória final.

Gráfico 1: Autores mais citados nas referências dos trabalhos apresentados no GT “Geografia, música e sons: diálogos” – 2017, 2019 e 2021



Fonte: Elaboração própria.

Como autor mais citado aparece Milton Santos, um dos grandes nomes da geografia no século XX, especialmente durante o movimento de renovação da geografia brasileira entre os anos de 1960 e 1980. Nesse período, o pesquisador publica obras importantes e que são amplamente usadas até os dias de hoje, como: “Por uma nova geografia” (1978), “Espaço e sociedade” (1979) e “Espaço e método” (1985). Dessa forma, Santos define concepções imprescindíveis para muitos dos pesquisadores que publicaram no GT “Geografia, música e sons: diálogos”, como, por exemplo, espaço e território. (SAQUET; SILVA, 2008).

Outros autores que, assim como Milton Santos, trabalham conceitos fundamentais na geografia cultural humanista, também aparecem entre os mais referenciados nos artigos selecionados. Entre eles, destaca-se o geógrafo Yi-Fu Tuan e sua definição da ideia de lugar, que era visto basicamente como um termo para a localização na ciência geográfica. Tuan

afirma que o lugar possui uma história e “é uma realidade a ser esclarecida e compreendida pela perspectiva das pessoas que lhe deram significado” (TUAN, 1974a, p. 213 *apud* PÁDUA, 2013, p. 46).

Autores que trabalham especificamente a interface entre geografia e música também constaram em diversas referências dos artigos analisados. Em segundo lugar, conforme o gráfico 1, aparece Alessandro Dozena seguido de Lucas Manassi Panitz, ambos presentes em 12 trabalhos. Alessandro Dozena é um dos coordenadores do GT “Geografia, música e sons: diálogos” do ENAPEGE desde sua primeira aparição no evento em 2017. Em sua tese de doutorado, Dozena concilia sua formação em música com a geografia e analisa a territorialidade do samba na cidade de São Paulo, relacionando território e cultura a partir das vivências dos sambistas (DOZENA, 2009). Como já citado neste trabalho, Dozena também é organizador do livro “Geografia e música: Diálogos”.

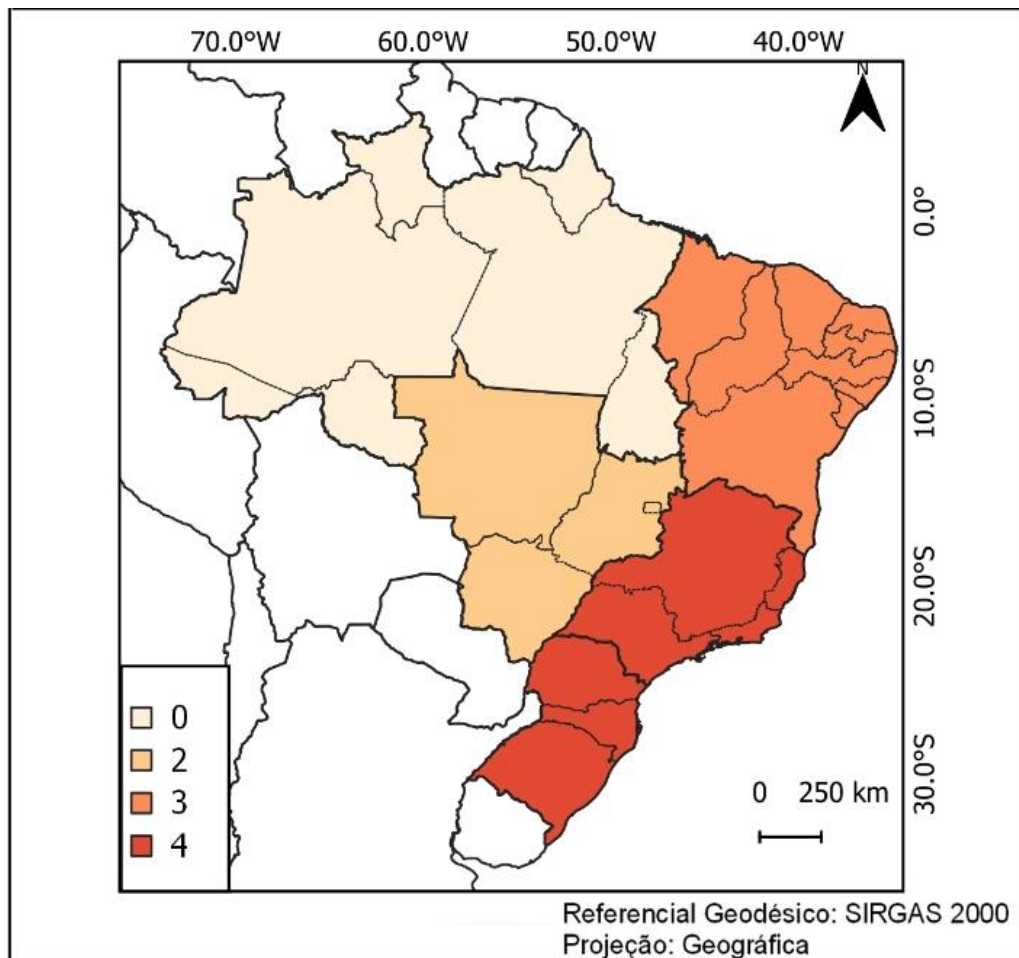
O pesquisador Lucas Manassi Panitz, além de ser uma das referências mais citadas, é autor de um dos artigos selecionados para esta pesquisa, publicado na edição XIII do ENANPEGE. O artigo em questão é resultado de sua tese de doutorado na qual mostra como a música contribui para a criação de territórios entre Brasil, Argentina e Uruguai, analisando como as práticas musicais, políticas e culturais se relacionam nesse processo. Panitz também já publicou diversos artigos e outros textos sobre geografia e música que serviram como base para outras pesquisas sobre o tema (PANITZ, 2012, 2012a).

Após a análise da autoria dos artigos selecionados nesta pesquisa e as referências mais utilizadas por cada um, os trabalhos foram classificados em cinco abordagens, sendo duas práticas (“Atividades de campo” e “Ensino e Aprendizagem”) e três teóricas (“Análise de obra musical”, “Discussão de autores e conceitos” e “Estudo de caso”), como citado no item anterior. Para isso, levou-se em consideração o conteúdo apresentado em cada trabalho publicado, tendo em vista que cada um está em uma fase de pesquisa diferente.

A abordagem “Atividades de campo” engloba trabalhos que, para atingir os objetivos propostos, utilizam técnicas de diário de campo, como entrevistas, aplicação de questionários, registros de imagens, de áudio e de vídeo, observação, dentre outras. Ao todo, 13 artigos foram selecionados: cinco do ano de 2017, sete em 2019 e um da edição mais recente, em 2021.

A ocorrência dos trabalhos incluídos nessa categoria se dá de maneira equilibrada pelas regiões brasileiras, exceto pela região Norte, que não aparece nessa seleção, conforme aponta o mapa 2 abaixo.

**Mapa 2: Distribuição espacial dos trabalhos classificados na Abordagem Prática
“Atividades de campo”**



Fonte: Elaboração própria.

Os autores nesse agrupamento, em diversos casos, escolheram algum evento ou manifestação cultural como objeto de estudo para abordar a conexão entre geografia e música. Por exemplo, o trabalho: “Os músicos de rua na paisagem sonora de Curitiba/PR”, investiga as relações estabelecidas entre músicos de rua na cidade de Curitiba, a apropriação do espaço público e a paisagem.

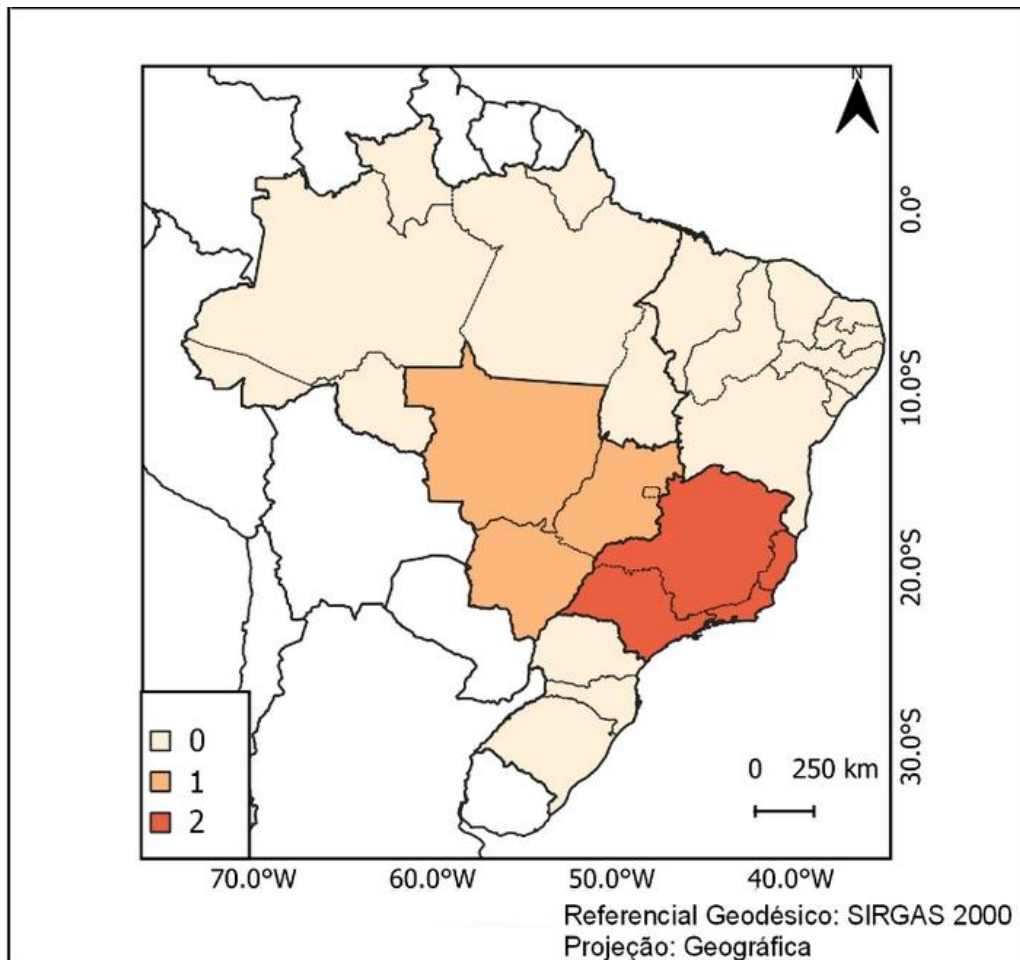
Outro exemplo é o artigo: “Performance e música: possibilidades de trocas afetivas e de ocupação do espaço público no Festival Ativista de Fanfarras Honk! Rio 2018” que, por meio de um trabalho de campo de cunho etnográfico, com entrevistas e observações participativas, apresenta uma forma coletiva de ocupar lugares por meio da performance e de espetáculos durante o Festival Honk! Rio 2018, na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, percebe-se que a localização da universidade onde o trabalho é desenvolvido influencia na manifestação escolhida para a abordagem geográfico-musical.

Porém, nem sempre é possível fazer essa correspondência direta entre o local da instituição de ensino e o local do evento selecionado, como se verifica no trabalho “Caminhadas e travessias de um Boi-Tolo: espaços ordinários de trânsito, lugares apoteóticos de transe para o carnaval de rua de Rio de Janeiro”. Apesar de apresentar o cortejo do Boi-Tolo – um bloco de carnaval do Rio de Janeiro – para mostrar como o carnaval de rua transforma espaços ordinários de trânsito da capital a partir das experiências vividas intersubjetivamente, o estudo foi desenvolvido na UFJF, em Minas Gerais. Entretanto, a região da universidade e do evento analisado no artigo é a mesma (região Sudeste).

A segunda abordagem prática é denominada “Ensino e aprendizagem” e reúne as três pesquisas do grupo de trabalho que retratam o ensino da geografia escolar e a questão musical. Ao contrário da abordagem anterior, não aparece distribuída homogeneamente pelo território brasileiro, como aponta o mapa 3 abaixo:

**Mapa 3: Distribuição espacial dos trabalhos classificados na Abordagem Prática
“Ensino e aprendizagem”**



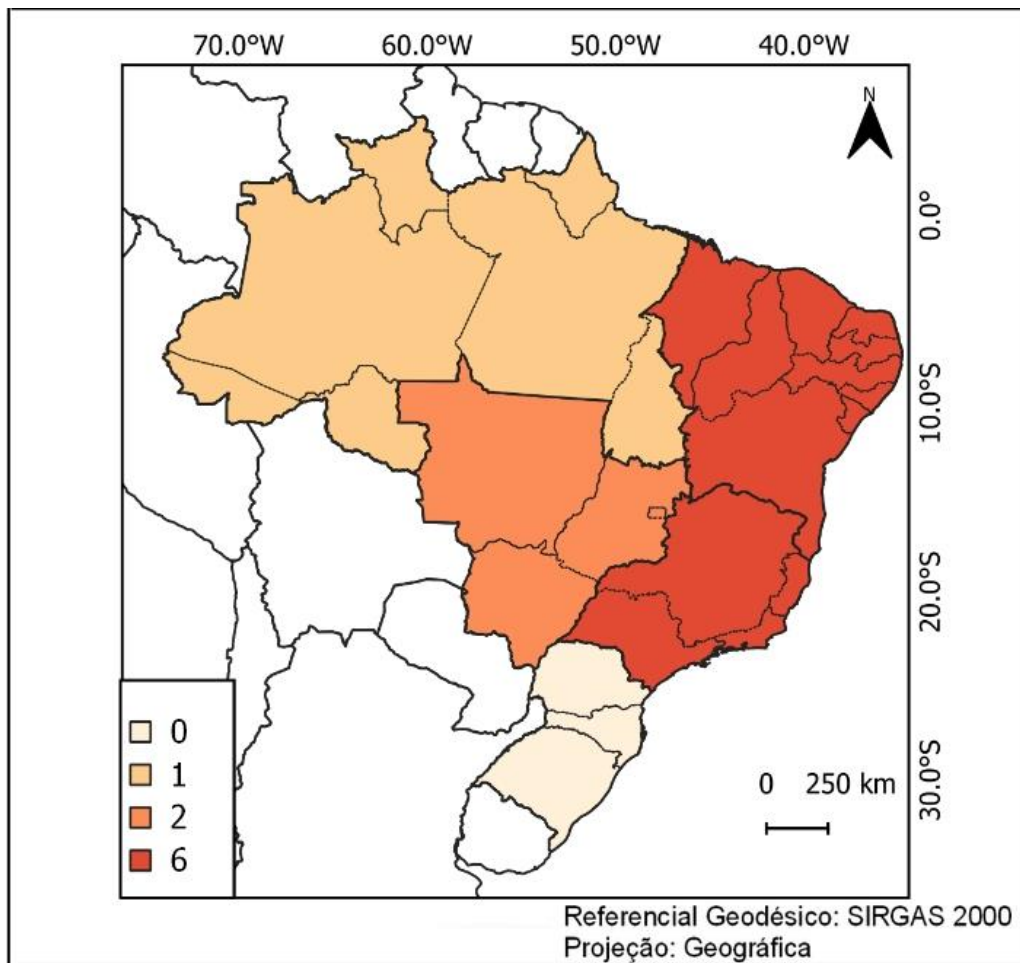
Fonte: Elaboração própria.

A pouca quantidade de trabalhos dessa abordagem no GT “Geografia, música e sons: diálogos” pode ser justificada pelo espaço que a questão do ensino e aprendizagem tem em outros eventos e até mesmo no ENANPEGE. O encontro apresenta outros grupos de trabalho específicos para a questão do ensino de geografia escolar como o GT “Ensino de Geografia”, presente nas três últimas edições, ou o GT “Raciocínio geográfico e ensino de geografia: caminhos teórico-metodológicos”, presente na edição XIV.

Cada uma das três pesquisas aborda uma perspectiva diferente da temática geográfico-musical no ambiente escolar, porém todas exploram o gosto dos alunos pelo sonoro, seja a música em si ou outros sons do ambiente. Na edição de 2019 do ENANPEGE, o artigo: “A funkeografia na escola-periférica” parte da tentativa de ressignificar os conhecimentos geográficos a partir das problemáticas cotidianas dos estudantes utilizando o gênero funk como metodologia para o ensino de geografia escolar. Na edição seguinte, foram apresentadas duas pesquisas: “A experiência com a paisagem sonora de educandos cegos no ano letivo de 2020”, retratando a vivência de alunos do Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro-RJ, com cegueira e baixa visão e suas percepções da paisagem sonora durante a pandemia de COVID-19, e o artigo: “Música e práticas socioespaciais: uma análise a partir de estudantes de escolas de Dourados (MS)”, que propõe a relevância do uso de novas abordagens na prática escolar – entre elas, a música – buscando uma identificação entre as preferências musicais e a realidade vivenciada pelos alunos.

Para se analisar os artigos do GT “Geografia, música e sons: diálogos” que partem de abordagens teóricas foram criados três grupos: “Análise de obra musical”, “Discussão de autores e conceitos” e “Estudo de caso”. A primeira abordagem apresenta análises de álbuns, letras e canções de artistas atreladas à geografia e engloba a maior quantidade de trabalhos entre as abordagens aqui apresentadas, com 15 artigos publicados.

**Mapa 4: Distribuição espacial dos trabalhos classificados na Abordagem Teórica
“Análise de obra musical”**



Fonte: Elaboração própria.

Conforme o mapa 4 acima, a maior parte dos trabalhos da abordagem “Análise de obra musical” foi desenvolvida em instituições localizadas no Sudeste e Nordeste, apresentando seis em cada uma das regiões. Assim como na abordagem prática “Atividades de campo”, verifica-se que a localidade dos trabalhos está relacionada com as temáticas abordadas. O autor do trabalho: “Percepções de uma cidade: Canindé e sua paisagem sonora”, desenvolvido na UECE, verifica como os elementos sonoros das igrejas – incluindo as composições musicais – atuam no arranjo da paisagem sonora da cidade de Canindé, CE, que possui uma destacada expressão religiosa.

Também influenciado pela localização, o autor do artigo: “O som da viola 'invocando' um sentimento topofílico caipira” parte da música caipira e do cotidiano da vida no campo para analisar letras de canções e relatos de compositores do gênero. O objetivo foi verificar como o elo afetivo com o lugar é representado simbolicamente pela música, utilizando o

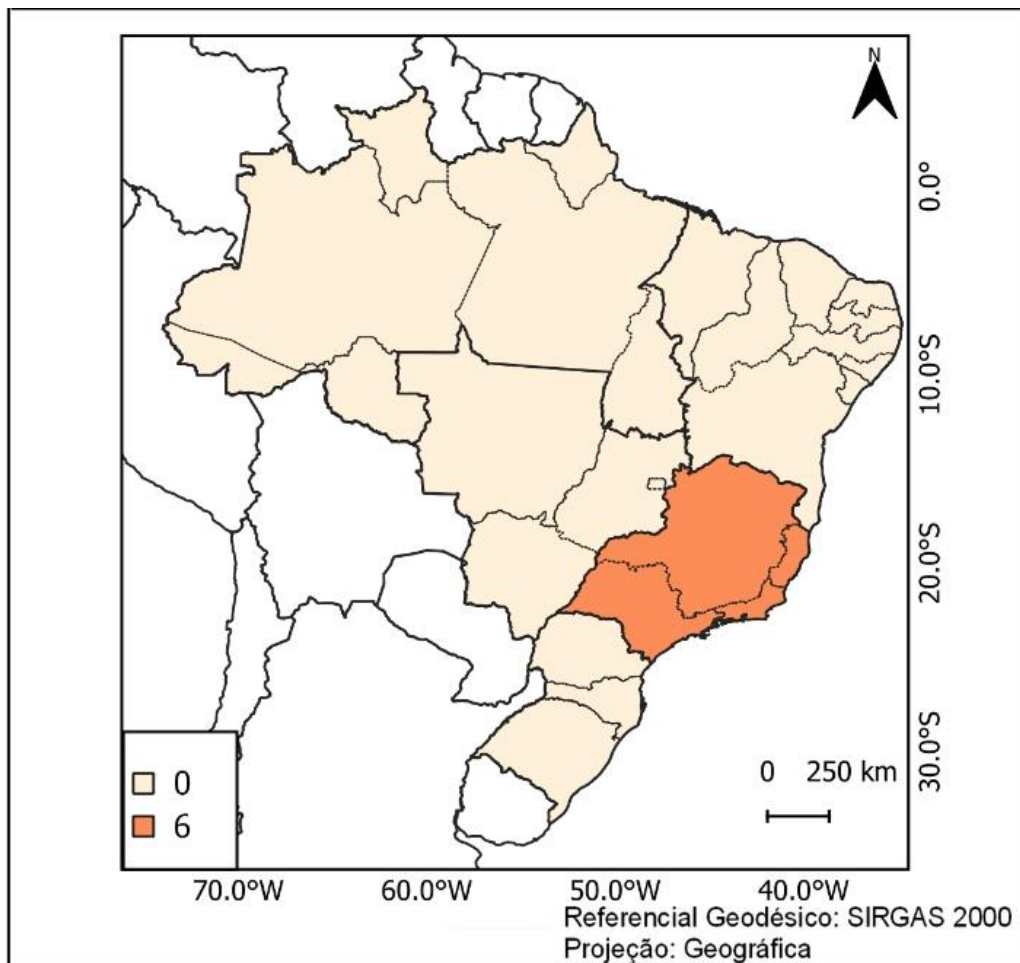
conceito de topofilia. O trabalho é desenvolvido na UFG, em Goiás, estado comumente representado pela vivência do rural e pelo gênero musical caipira.

Além dessa relação direta da música e a sua localização, alguns artigos abordam artistas e suas obras. Na edição XII do ENANPEGE, o autor Bruno de Andrade Lima Melo apresentou um estudo sobre o artista africano Fela Anikulapo Kuti, desenvolvido na UFPE em Pernambuco. No artigo, verifica-se como ocorre a reterritorialização musical a partir da obra de Fela Kuti (como a música cria e recria uma identidade territorial) através das mudanças da dinâmica do lugar e da configuração da paisagem, analisando a relação entre música, política e cultura.

Na edição seguinte, em 2019, o artigo: “Sempre Perigosa Sem Piedade: uma música que vai além da melodia” também apresenta o estudo da obra musical da banda de *hardcore* O Inimigo. Por meio da análise da letra da música: “Sempre Perigosa Sem Piedade”, o autor afirma que o contexto no qual a música está inserida (o cotidiano da cidade de São Paulo) ajuda a compreender a identidade do lugar a partir da geografia humanística.

A segunda abordagem teórica, “Discussão de autores e conceitos”, como o próprio nome diz, agrupa seis trabalhos que consistem em discussões de variados conceitos e autores atrelados à geografia e à música. É o único agrupamento onde todas as pesquisas se concentram em uma só região, como aponta o mapa 5. Não foi possível encontrar características comuns nos trabalhos classificados nessa abordagem que justificassem essa concentração.

**Mapa 5: Distribuição espacial dos trabalhos classificados na Abordagem Teórica
“Discussão de autores e conceitos”**



Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que os trabalhos classificados nessa abordagem correspondem a pesquisas que estão na fase de desenvolvimento do referencial teórico. No artigo: “A cidade e a música”, os autores apresentam o conceito de cidades criativas para compreender as relações históricas entre o espaço urbano e as atividades musicais e buscam verificar quais são as características necessárias para um espaço urbano impulsionar atividades artísticas e musicais.

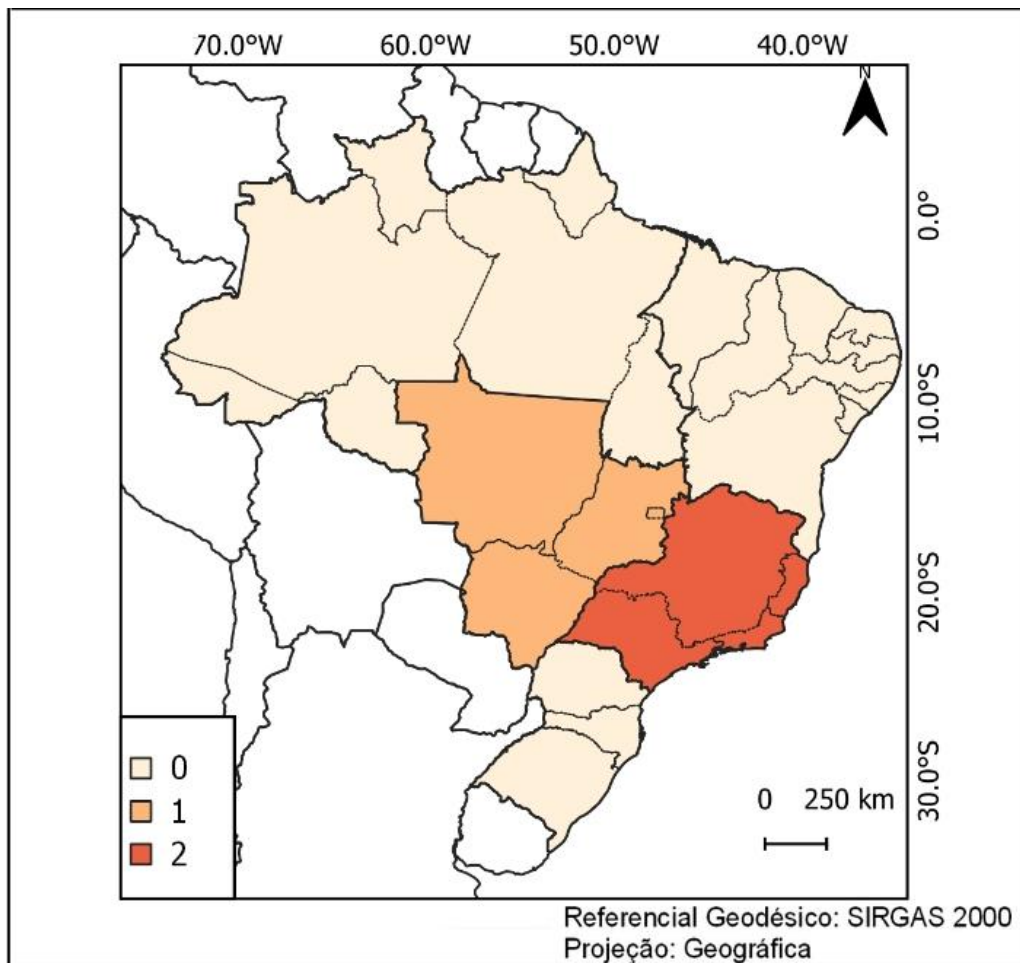
Outro trabalho apresentado que se encontra na fase de construção do referencial teórico é: “Pornotopia do fracasso queer: reflexões iniciais sobre a dimensão espacial do movimento queerpunk em São Paulo”. O autor traz uma revisão bibliográfica do movimento cultural e político *queerpunk* e de outros conceitos como pornotopia e teoria *queer* para verificar a dimensão espacial da luta por direitos sexuais e de gênero. O artigo: “Os points de reggae em São Luís do Maranhão como reveladores de uma caracterização socioespacial” também se enquadra na mesma linha ao apresentar uma pesquisa bibliográfica em textos

científicos, periódicos, monografias e dissertações sobre a história do gênero *reggae* em nível internacional, nacional e local. O objetivo foi fornecer elementos que subsidiem a análise desse fenômeno musical na cidade de São Luís, Maranhão.

Além dos trabalhos que apresentam o escopo teórico das pesquisas realizadas, o artigo: “Geografia e música: origem, desenvolvimento e estágio atual das pesquisas sobre música na geografia brasileira” se propõe a construir uma revisão bibliográfica da geografia musical a partir da seleção de teses e dissertações já concluídas no período de 1987 a 2021. Assim como se propõe nesta pesquisa, o autor do referido artigo, a partir da criação de um banco de dados, também apresenta a diversidade de enfoques existente nas pesquisas brasileiras. Porém, ao invés de classificar em tipos de abordagens, ele parte das palavras chaves presentes nos resumos dos trabalhos selecionados para realizar suas análises.

E, por fim, a última abordagem teórica, denominada “Estudo de caso” representada no mapa 6 a seguir, engloba os estudos de uma manifestação ou eventos específicos ligados à música e a geografia.

**Mapa 6: Distribuição espacial dos trabalhos classificados na Abordagem Teórica
“Estudo de caso”**



Fonte: Elaboração própria.

Ao contrário da primeira abordagem tratada nessa pesquisa, que parte de análises práticas de manifestações e eventos, nessa categoria, as análises são feitas por meio do método de estudo de caso. No artigo: “Glocal metal: a cena do heavy-metal de Belo Horizonte dos anos 1980s frente à glocalização”, foi realizado um estudo de caso da cena do *heavy metal* na cidade de Belo Horizonte para verificar como essa manifestação cultural global influenciou a constituição do cenário local.

Já no trabalho intitulado: “Paisagem sonora: considerações teóricas para uma geografia sônica”, o objetivo das autoras foi discutir a geografia sônica a partir da dimensão sonora da paisagem. O artigo apontou como ocorre a criação de identidades de grupos culturais ao partilharem elementos sonoros de um mesmo ambiente. Para isso, além da revisão bibliográfica da temática abordada, um dos métodos escolhidos foi o estudo de caso da

transmissão pelo rádio de partidas em um estádio de futebol no estado de Rio Grande do Sul – apesar da pesquisa ser desenvolvida na UnB, em Brasília.

O terceiro e último artigo desse grupo visa analisar as relações entre uma manifestação cultural originada em Pernambuco e a realizada na cidade de São Paulo. Em: “Maracatu-nação e os grupos de maracatu de baque virado em São Paulo”, a autora Thais Elis Godoy, por meio da pesquisa documental das manifestações do maracatu, verifica que há elementos que são mantidos e outros novos que foram incorporados, apontando que as manifestações são dinâmicas e vivenciadas no cotidiano.

Conforme apresentam os mapas 2 a 6, ambas as abordagens – práticas e teóricas – estão distribuídas de forma similar pelo país, com a maioria concentrada na região Sudeste. Após investigar todas as abordagens apresentadas nesse capítulo e os artigos que as compõem, verifica-se que os enfoques teóricos predominam entre os autores que tiverem seus trabalhos publicados no GT “Geografia, Música e Sons: Diálogos”. Esse predomínio não indica que a parte prática das pesquisas está ausente no ENANPEGE. Pelo contrário, as abordagens práticas demonstram uma valorização das manifestações e experiências culturais do Brasil. A diversidade encontrada em cada uma das abordagens reflete as inúmeras interfaces da pesquisa brasileira em geografia e música. O fenômeno musical é, de fato, um objeto geográfico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre cultura e geografia adquire uma nova perspectiva mundialmente a partir da década de 1970, quando os elementos culturais passam a ser levados em consideração nos estudos geográficos sobre o espaço e a sociedade. A renovação da geografia cultural dá destaque à música como um instrumento que retrata a cultura por meio de representações e significados compartilhados socialmente. No Brasil, o desenvolvimento dessa abordagem na geografia ocorreu de forma tardia. Os estudos da geografia musical brasileira tiveram início em 1991 com a pioneira dissertação de mestrado da temática, de João Baptista Ferreira de Mello.

A proposta desenvolvida neste trabalho consistiu em analisar como a temática geografia e música está fundamentada nas recentes pesquisas desenvolvidas nos programas de mestrado e doutorado do Brasil. Foi possível realizar as análises com base no banco de dados elaborado a partir dos artigos publicados no Grupo de Trabalhos “Geografia, Música e Sons: Diálogos” das edições XII, XIII e XIV do ENANPEGE – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, realizadas nos anos de 2017, 2019 e 2021, respectivamente.

Os eventos acadêmicos são de suma importância para a produção científica. A partir das comunicações das pesquisas do referido GT, o ENANPEGE reflete o panorama vigente da área ao se consolidar como um instrumento de divulgação do conhecimento científico e veicular as inovações da temática estudada. Além disso, o espaço de interação com demais pesquisadores de áreas afins possibilita o aperfeiçoamento e serve de estímulo para novas produções científicas sobre geografia e música.

Vale reforçar que nem todos os trabalhos publicados no referido GT foram selecionados para esta pesquisa. Dos 44 artigos relacionados nas três edições do encontro, dois não estavam disponíveis para consulta nos anais eletrônicos, enquanto outros dois não abordavam questões inerentes ao Brasil, estando fora da delimitação do tema central da pesquisa.

Com base no que foi exposto neste trabalho, conclui-se que a temática musical na geografia cultural brasileira está em fase de expansão, já que o número de trabalhos publicados aumentou a cada evento. No entanto, não foi possível verificar o desenvolvimento das pesquisas nas edições iniciais do GT, porque somente um autor publicou sobre o mesmo tema mais de uma vez, apresentando, no ano de 2019, seu trabalho enquanto mestrando e, na edição seguinte, os resultados preliminares da sua pesquisa para a obtenção do título de

doutor. Os demais trabalhos apresentaram pesquisas inéditas nas edições do encontro, mas demonstram um crescente interesse na área.

Para a construção das pesquisas, verifica-se o uso de autores clássicos da ciência geográfica, como Milton Santos, atrelado à referência de autores que abordam especificamente a interação entre geografia e música, tais como Alessandro Dozena e Lucas Panitz.

As abordagens que se sobressaem são os estudos sobre artistas, gêneros ou obras musicais específicas e análises que resultam de atividades práticas de campo em manifestações e eventos de música. Ambas apresentam um discurso marcado por grande subjetividade que parte do pesquisador, convergindo para os procedimentos teóricos e metodológicos da geografia cultural renovada.

Ainda observando as abordagens que cada pesquisa apresenta, notam-se poucos trabalhos voltados para a área da educação que utilizam a música como ferramenta de ensino e aprendizagem no referido GT. Pressupõe-se que esse viés já seja abordado em outros eventos e, até mesmo, em outros grupos de trabalho dentro do próprio ENANPEGE.

A estrutura espacial aqui apresentada buscou facilitar a análise do cenário atual brasileiro ao agrupar as pesquisas em geografia e música, divulgadas pelo ENANPEGE, por suas similaridades. A distribuição dos artigos reproduz a desigualdade espacial dos programas de Pós-graduação pelo país [ver mapa 1 e tabela 1]. A região Sudeste apresenta mais que o dobro de trabalhos do que o Nordeste, a segunda colocada. Por sua vez, a região Norte é a menos representada com somente um artigo nas três edições analisadas do evento. Essa análise se faz importante, uma vez que foi possível perceber, no decorrer deste trabalho, que a localização da instituição onde a pesquisa foi desenvolvida, muitas vezes, reflete na temática abordada. Não foi possível identificar, no entanto, características que justificassem a ocorrência de uma abordagem em determinada região do país. Quanto às instituições mais presentes, destaca-se a UERJ, justamente a precursora no Brasil com a dissertação de mestrado de João Baptista Ferreira de Mello.

Após as reflexões realizadas neste trabalho, confirma-se a hipótese inicial de que o estudo da música na geografia ainda aparece de maneira tímida no cenário nacional, porém está se expandindo com o passar dos anos, tanto em quantidade quanto em possibilidades de abordagens. O Brasil é um país diverso que comporta grande número de manifestações culturais. O estudo da geografia musical permite verificar como se dá a produção do espaço brasileiro a partir das atividades musicais e como ocorrem as representações de suas paisagens em letras, canções e demais obras de artistas. A música na geografia se constitui um

instrumento facilitador na compreensão das ressignificações topofílicas do espaço por um indivíduo ou grupo social e sua constituição como lugar. Por fim, as pesquisas dessa temática também servem para analisar as construções de identidades territoriais a partir da música ou manifestações culturais e sua relação com fatores políticos, econômicos, sociais, dentre outros.

Esta pesquisa construiu um panorama da produção brasileira sobre geografia e música. Aprofundar o conhecimento nesta área faz-se necessário, uma vez que esse campo de pesquisa permite relacionar diversas características do espaço geográfico. Analisar como se dá essa relação permite entender várias especificidades do vasto território brasileiro. Como proposição, esta pesquisa pode ser um aporte interessante capaz de auxiliar no desenvolvimento de pesquisas futuras ao, por exemplo, indicar regiões no território brasileiro onde existe uma carência de estudos e abordagens, além de identificar e analisar de forma categorizada as pesquisas já publicadas atualmente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. A presença da Geografia Cultural na Pós-Graduação em Geografia – NPPGEO – Universidade Federal de Sergipe. In: MENEZES, S. S. M.; PINTO, J. E. S. S. **Geografias e geograficidades: escolhas, trajetórias e reflexões**. São Cristóvão: Editora UFS, 2020. p. 89-110. Disponível em: <http://www.posgraduacao.ufs.br/ppgeo>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- BENATTI, C. A geografia cultural: das concepções clássicas às novas tendências e dinâmicas na contemporaneidade. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 2-11, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/343/536>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- CARDOSO, E. S. A metrópole na linha do baixo: Itamar Assumpção e a geografia da cidade de São Paulo. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 31-40, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3561/2481>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Catálogo de Teses e Dissertações**, Brasília: CAPES, c2016a. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plataforma Sucupira**, Brasília: CAPES, c2016b. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.xhtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- CASTRO, D. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 7-18, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3551>. Acesso em: 20 out. 2019.
- CÔRREA, R. L. A geografia cultural e o urbano. In: CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.
- CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: _____. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.
- CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, v. 04, n. 18, p. 73-88. 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/issue/view/274>. Acesso em: 02 mai. 2022.
- COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.
- COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146.

CORONEL, D. A. et al. Métodos qualitativos e quantitativos em pesquisa: uma abordagem introdutória. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE AGROPECUÁRIA SUSTENTÁVEL, 5.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE AGROPECUÁRIA SUSTENTÁVEL (...), 2., 2013, Viçosa. **Anais...** Viçosa: [s.n.], 2013. p. 307-338.

DOZENA, A. **As territorialidades do samba na cidade de São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DOZENA, A. (Org.). **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. 399 p. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br>. Acesso em: 14 fev. 2022.

FRANÇA, V. L. A. A saga do PPGeo: breve relato como contribuição à memória da Pós-graduação em Geografia da UFS. In: MENEZES, S. S. M.; PINTO, J. E. S. S. **Geografias e geograficidades: escolhas, trajetórias e reflexões**. São Cristóvão: Editora UFS, 2020. p. 75-88. Disponível em: <http://www.posgraduacao.ufs.br/ppgeo>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MENDONÇA, F. Temas, tendências e desafios da geografia na Pós-graduação brasileira. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, p. 7-20, 2005. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6608>. Acesso em: 21 jun. 2022.

MESQUITA, Z. A geografia social na música do Prata. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 33-41, jan. 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6709/4790>. Acesso em: 19 jun. 2022.

OLIVEIRA, S. C. L.; SILVA, G. S. A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação. ENCONTRO DE GEOGRAFIA, 3.; SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, 6., 2010, Campos dos Goytacazes. **Anais...** Campos dos Goytacazes: Essentia Editora, 2010, p. 253-260.

PADUA, L.C.T. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e permanências**. 2013. 208 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PANITZ, L. M. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales**, Barcelona, v. XVII, n. 978, mai. 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-978.htm>. Acesso em: 20 out. 2019.

PANITZ, L. M. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 1-10, jul./dez. 2012a. Não paginado. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/36474/23889>. Acesso em: 01 nov. 2022.

PÊSSOA, V. L. S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, p. 4-18, 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>. Acesso em: 01 set. 2022.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 18, p. 24-42, 2º semestre de 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SILVA, J. B.; DANTAS, E. W. C. A Pós-graduação em geografia no Brasil: uma contribuição à política e avaliação. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, p. 21-37. 2005. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6609>. Acesso em: 21 jun. 2022.

SOUZA, M. D. Geografia, literatura e música: o simbolismo geográfico na arte. **Revista de geografia (UFPE)**, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 103-147. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229039>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SUERTEGARAY, D. M. A. Rumos e rumores da Pós-graduação e da pesquisa em geografia no Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 3, n. 03, p. 11-19. 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6603>. Acesso em: 21 jun. 2022.

XIII ENANPEGE – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia. **Histórico**. São Paulo: Edusp. c2019. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2019/site/capa>. Acesso em: 25 jun. 2022.

APÊNDICE A – Imagem da tabela elaborada para análise dos trabalhos apresentados no GT “Geografia, músicas e sons: diálogos”

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
Ano	Título	Autor(es)	Instituição	Sigla	Região br	Palavras-chaves	Descrição	Abordagem	Categorias da G	Autores citados	Referência
2017	A cidade e a música	Gustavo da Silva Diniz Auro Aparecido Mendes	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	UNESP	Sudeste	idades; música; geografia cultural.	Investiga a contribuição da geografia cultural para compreender as relações históricas entre o espaço urbano e as atividades musicais. Parte do conceito de cidades criativas para verificar quais são as características necessárias para um espaço urbano para impulsionar atividades artísticas e musicais.	Teórica - discussão de autores e conceitos.	Território.	CORRÊA, Roberto L.; COSGROVE, Denis; CASTRO, Daniel; DINIZ, Gustavo; PANITZ, Lucas.	DINIZ, G. S.; MENDES, A. A. A cidade e a música. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 12., 2017, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Dourados: UFGD Editora, 2017. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2017/anaís/>. Acesso em: 20 fev. 2022.
2017	As paisagens sonoras urbanas da festa junina de Campina Grande (PB)	Jordania Alyne Santos Marques	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	UFRN	Nordeste	festa junina; Campina Grande; paisagem sonora.	Identifica a paisagem sonora e cultural, por meio da análise de elementos que transcendem o olhar, em especial elementos auditivos. Para isso, utiliza como métodos o diário de campo, registros fotográficos e coleta de depoimentos para verificar como a música reflete o sentido dos lugares e as identidades	Prática - atividades de campo.	Paisagem.	FURLANETTO, Beatriz; LIMA, Elisabeth; TORRES, Marcos Alberto.	MARQUES, J. A. S. As paisagens sonoras urbanas da festa junina de Campina Grande (PB). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 12., 2017, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Dourados: UFGD Editora, 2017. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2017/anaís/>. Acesso em: 20 fev. 2022.
2017	Colonial Mentality: a música de Fela Kuti e a territorialidade musical da "República de Kalakuta"	Bruno de Andrade Lima Melo	Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	Nordeste	Fela Kuti; afrobeat; África.	Verifica como se dá a reterritorialização musical - como a música cria e recria um identidade territorial - através das mudanças da dinâmica do lugar e da configuração da paisagem, analisando a relação entre música, política e cultura.	Teórica - análise de obra musical.	Lugar; Paisagem; Território.	AGUIAR, Maria; ARAGÃO, Thalís; CASTRO, Daniel; FUINI, Lucas L.; HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Estér; PANITZ, Lucas; RAFFESTIN, Claude; SANTOS, Milton.	MELO, B. A. L. Colonial Mentality: a música de Fela Kuti e a territorialidade musical da "República de Kalakuta". In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 12., 2017, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Dourados: UFGD Editora, 2017. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2017/anaís/>. Acesso em: 20 fev. 2022.
2017	Música ambiência e paisagens sonoras: breves reflexões sobre a análise geográfica das canções	Renato Coimbra Frias	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Sudeste	música; paisagem sonora; ambiência.	Apresenta a importância da análise do conteúdo não-verbal das músicas nos estudos geográficos, abordando os conceitos de ambiência e paisagem sonora por meio de um estudo de caso.	Teórica - análise de obra musical.	Lugar; Paisagem.	KONG, Lily; MELLO, João Baptista; SCHAFER, R. Murray.	FRIAS, R. C. Música ambiência e paisagens sonoras: breves reflexões sobre a análise geográfica das canções. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 12., 2017, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Dourados: UFGD Editora, 2017. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2017/anaís/>. Acesso em: 20 fev. 2022.
2017	O som da viola 'invocando' um sentimento topofílico caipira	Denis Rilk Malaquias	Universidade Federal de Goiás	UFG	Centro-Oeste	música caipira; viola caipira; sentimento topofílico.	A partir da análise de letras de canções, e também relatos de compositores em entrevistas, analisa como o elo afetivo com o lugar é representado simbolicamente pela música, utilizando o conceito de lugar e topofilia.	Teórica - análise de obra musical.	Lugar; Território.	BACHELARD, Gaston; BORGES, Tiago; CASTROGIOVANNI, Antonio; CIRQUEIRA, Diogo; DOZENA, Alessandro; GÓMEZ, Gustavo; TUAN, Yi-Fu.	MALAUQUAS, D. R. O som da viola 'invocando' um sentimento topofílico caipira. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 12., 2017, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Dourados: UFGD Editora, 2017. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2017/anaís/>. Acesso em: 20 fev. 2022.
2017	O subúrbio e a canção: lugares cariocas	Alexandre Moura Pizotti	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ	Sudeste	geografia humanística; subúrbios; música.	Demonstra como diversas canções, por meio da análise de suas letras, podem auxiliar na compreensão das relações entre os sujeitos e grupos sociais e o espaço, baseando-se na orientação da geografia humanista em relação ao lugar, onde o homem projeta suas identidades, valores e significados.	Teórica - análise de obra musical.	Lugar; Território.	BEZERRA, Vera Maria; BONNEMAISON, Joel; BROSEAU, Marc; BUTTIMER, Anne; CARNEY, George O.; CLAVAL, Paul; CORRÊA, Roberto L.; CROZAT, Dominique; CRUZ, Jana Maria; DOZENA, Alessandro; GALLAIS, Jean; GOMES, Paulo C. da C.; HOLZER, Werther; KONG, Lily; MELLO, João Baptista; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; PIZOTTI, Alexandre; POCOCCO, Douglas; RELPH, Edward; ROSENDAHL, Zeny; SANTOS, Milton; SARAMAGO, Lígia; TUAN, Yi-Fu.	PIZOTTI, A. M. O subúrbio e a canção: lugares cariocas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 12., 2017, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Dourados: UFGD Editora, 2017. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2017/anaís/>. Acesso em: 20 fev. 2022.